

Curso Online de Filosofia

Olavo de Carvalho

Aula 38

26 de dezembro de 2009

[versão provisória]

Para uso exclusivo dos alunos do Curso Online de Filosofia.
O texto desta transcrição não foi revisto ou corrigido pelo autor.
Por favor não cite nem divulgue este material.

Boa tarde a todos e sejam bem-vindos. Eu queria começar comentando uma carta que recebi fora do Curso Online de Filosofia. O remetente foi o Felipe Tavares e ele corrigiu alguns detalhes da minha mensagem de natal, a qual eu gostaria de comentar e explicar um pouco mais detalhadamente. Como é próprio deste gênero de escrita, há muitas coisas nela que estão compactadas, levando o público geral a entendê-la de um jeito enquanto os alunos [do Curso Online de Filosofia] a devem fazer de forma mais aprofundada. O Felipe me lembra de alguns equívocos sobre aquele trecho da ópera de Wagner (eu havia até dado uma aula sobre este trecho e naquela aula estava tudo certo, mas na hora de escrever a mensagem eu mesmo esqueci o que tinha falado e troquei as bolas) o que não afeta em nada o sentido geral da mensagem. Em primeiro lugar, o personagem Siegmund não é neto do Wotan, é seu filho – irmão da Brünnhilde. Segundo, Brünnhilde não seria condenada à morte, mas a adormecer na montanha e ficar à mercê do primeiro homem que chegasse – razão pela qual ela pede misericórdia. Seu pai, então, garante-lhe que não será tocada por nenhum homem indigno e que, no futuro, virá um guerreiro nobre que a protegerá de todos os males. Feita a correção, eu agradeço muito ao Felipe por estas observações. Conforme expliquei há pouco, eu mesmo havia dito isto na aula, mas na hora de escrever a mensagem, às pressas, esqueci.

Eu desejo comentar algo mais a respeito desta mensagem: qualquer conteúdo filosófico que você deseje transmitir, pode ser feito em vários níveis. O primeiro nível é uma espécie de compactação poética. Ela pode ter um impacto emocional sobre o leitor naquele momento de tal modo, que as várias possibilidades de sentido daquilo são vivenciadas de maneira confusa e misturada; o conjunto dessas possibilidades de significados exerce este impacto emocional mas pára por aí, ou seja, o indivíduo só escavará novas possibilidades de sentido se tiver a sua curiosidade despertada para isso, o que não é o caso da maioria das pessoas. É normal que, nestas circunstâncias, quem ler aquilo, qualquer outra das minhas mensagens de natal anteriores ou alguns dos meus artigos, capte este primeiro nível de significado e pense que tudo se esgote aí – enfim, julgue aquilo como uma obra literariamente expressiva. Este leitor não tem idéia de que, por trás daquilo há muitos quilômetros rodados. Digo, é uma compactação poética, sem dúvida, mas eu, pessoalmente, não reconheço aquilo só sob a forma de compactação poética e sim como conceitos muito bem articulados e perfeitamente analisáveis. Na verdade, por trás de uma frase (onde eu digo que o perdão é a lei geral que estrutura o Universo) há vinte e cinco anos de meditações metafísicas, que começaram com o livro *O Crime da Madre Agnes*, (que eu creio que seja de 1983 ou 1984) e vieram a terminar mais recentemente no escrito “O Mundo dos Princípios” (eu não sei se esse escrito está na minha página [www.olavodecarvalho.org] ou no próprio Seminário [de Filosofia]. Deve estar no Seminário – se não estiver, colocaremos logo).

O que está subentendido naquela frase, que num primeiro lance pode parecer apenas uma figura de linguagem (mas não o é de maneira alguma) é uma doutrina muito clara e muito rigorosa que seria, antes, de natureza científica (coisa que eu pretendo explicar mais tarde no Curso de Filosofia da Ciência que será dado aqui em maio [de 2010]): se você tomar o Universo físico tal como estudado

pela ciência Física, na sua totalidade, e se você o considerar como um sistema fechado tal como se encontra num dado instante (suponhamos que se faça um *flash* do Universo inteiro neste momento, tal como está, e se considere-o como um sistema fechado) – se for um sistema fechado regido por leis de validade permanente, ele entrará inteiro no campo de aplicação do Segundo Princípio da Termodinâmica (a Entropia, que é a equalização da energia existente) e, portanto, o Universo estará caminhando para a sua extinção. No entanto, se você não o considerar como um sistema fechado, mas o observar durante certo decurso de tempo, constatará que ele na verdade está em expansão (aparecem novas estrelas, acontecem novidades etc.). Das duas uma: ou a Segunda Lei da Termodinâmica está errada e a energia não declina (portanto não existe a Entropia e nós estamos enganados), ou existe a Entropia, mas ela é compensada por algum outro fator. Este fator jamais poderia vir de dentro do próprio Universo, porque isto seria autocontraditório. Então, se nós entendemos o Universo como a totalidade de tudo o que existe materialmente, temos de entender que para além de toda a existência material existe o conjunto da possibilidade – tudo aquilo que existe é possível, mas nem tudo o que é possível já é real. Isto quer dizer que se um campo que está submetido à Segunda Lei da Termodinâmica, não obstante, expande-se e cresce, novas possibilidades lhe são injetadas continuamente e estas não vêm deste próprio campo, mas de algo que está para além dele. Este algo que está para além é simplesmente o reino da possibilidade.

Quando falo em possibilidade, não quer dizer que tudo seja possível. A possibilidade considerada universalmente tem uma estrutura e uma ordem interna. Não é limitada por nada que lhe é exterior, mas por sua própria estrutura. É, por exemplo, como aquilo que Leibniz chamava de “compossíveis”: duas coisas são possíveis, mas não o são ao mesmo tempo (e.g.: é possível ser um bebê e é possível ser um velho, mas não as duas coisas ao mesmo tempo). Portanto, duas coisas que não são possíveis simultaneamente o podem ser perfeitamente se houver certa dilatação de tempo – esta é uma das leis que determinam internamente a possibilidade universal. Outra lei seria aquela que está implícita na própria noção de essência ou substância. O conceito essencial de um ente, deve ser compatível com todas as mudanças que ele venha a sofrer no decurso do tempo, senão não há o conceito integral do ente e sim apenas um aspecto dele. Por exemplo, o conceito de mulher é compatível com o fato de ela poder ser mãe ou não poder ser mãe de maneira alguma – essas duas coisas não afetam o conceito essencial. Toda e qualquer essência de um determinado ser tem de conter em si mesma, implicitamente, todas as possibilidades de desenvolvimento que esse ser possa vir a sofrer no tempo. Se faltar uma só, então é o nosso conceito que está errado e não a própria substância.

Eu me lembro de ter lido num livro de um certo David Bohm (que é uma besta quadrada), onde ele diz o seguinte: o pensamento ocidental está errado, porque seus conceitos são estáticos. Nós deveríamos, portanto, ter conceitos dinâmicos: ao invés do “ser”, deveríamos ter o “sendo”, porque o “ser” se desenvolve no tempo.

Um conceito do “ser” que não abrangesse todas as possibilidades de desenvolvimento dele no tempo não seria o conceito do “ser”, mas apenas o conceito de um de seus estados. É claro que todos os conceitos que nós usamos para exprimir as essências dos seres não são nem estáticos nem dinâmicos. “Estático” e “dinâmico” só [0:10] existem quando se rebate aquilo para a esfera do tempo. Consideradas numa esfera supratemporal, tanto as propriedades estáticas e permanentes quanto as propriedades mutáveis e temporais já estão todas abrangidas ali, necessariamente. Ele até dá o exemplo de que, na língua sânscrita, a palavra “vaca” quer dizer “animal que se move lentamente”. Se a vaca correr, não será mais vaca? O que é isso? Na verdade, conceituar vaca como “animal que se move lentamente”, isto sim, é torná-lo estático – extraiu-se e expeliu-se do conceito, todas as outras possibilidades. A vaca, quando está dormindo, não está se movendo lentamente, ela está parada. A vaca, quando morta, continua vaca, não se transforma nem em tartaruga nem em jacaré. O conceito abstrato de vaca exprime a sua essência; esta essência tem de ser compatível com todas

as propriedades e acidentes que aquilo possa manifestar dentro de infinitas linhas de desenvolvimento temporal possível.

Quando eu digo que tem de ser compatível, significa que, de certo modo, o conceito da substância já abrange todas essas possibilidades. Só não pode abranger todas porque há algumas possibilidades num ser que não se podem manifestar por iniciativa dele – têm de ser provocadas desde fora. Por exemplo: há a possibilidade de, se cair um tijolo na sua cabeça, desenvolver um hematoma. Mas não se pode desenvolvê-lo sozinho, por conta própria: você pensar que lhe cai um tijolo e aparecer [do nada] um hematoma – isso não acontece. As possibilidades de desenvolvimento intrínseco já estão contidas implicitamente na substância, e as de desenvolvimento extrínseco (causadas por interferência de outros fatores) estão contidas de maneira indireta, ou seja, não podem ser deduzidas da substância, mas têm de ser compatíveis com ela. Por exemplo: não faz parte da definição de gato a propriedade que ele tem de dormir no sofá, porque ela depende também da definição de sofá e não apenas da de gato. Para chegar a essa conclusão, seriam necessários os dois conceitos. Essas duas substâncias se encontram num determinado momento do tempo e eu garanto para vocês que é o gato que deita no sofá e não o contrário. Portanto, deitar no sofá é uma possibilidade que o gato tem, mas para isso é preciso que exista o sofá e que este seja alguma coisa. O gato estar deitado no sofá, chão ou andando é uma coisa meramente acidental, mas esses três acidentes têm de ser compatíveis com a essência do gato. Por isso uma afirmação como a do David Bohm: “o pensamento ocidental é estático e nós precisamos introduzir o elemento dinâmico” – é uma besteira, é de um primarismo tão grande que eu não vejo como isso possa ser discutido academicamente. Num sujeito desses tem que dar dois tapas e dizer: “Vai para casa, vai estudar! Fica quieto! Não fales mais nada hoje, fala só amanhã.” É primário demais. É falta de cultura, falta de estudo da verdade elementar da filosofia.

Isso quer dizer que se você tomar o universo na sua totalidade, com todas as essências que o compõem e com todas as relações possíveis entre as essências, claro que isto é quantitativamente inimaginável – não podemos pensar nisto, diferenciadamente, uma por uma, mas podemos conceber este conjunto como uma espécie de resumo esquemático. Mas se nós concebemos isto e aceitamos que existem leis eternas na natureza (já que estas leis estão atuando permanentemente), então o Universo inteiro já acabou. Porque, deste modo, é uma entidade física funcionando no espaço-tempo, submetida à Segunda Lei da Termodinâmica (em que nenhum sistema pode render mais do que trinta por cento) e, portanto, está acabando. Experimentalmente, nós sabemos que não está acabando; está, na verdade, se expandindo. Isso significa que acontecem coisas no Universo que não estão dadas na sua estrutura inicial – possibilidades que são novas e que não poderiam ser deduzidas logicamente das propriedades já dadas. Isso significa que, em volta do Universo existente, temos que admitir que há universos possíveis, o conjunto da possibilidade universal.

Esta possibilidade universal, por sua vez, não é uma pasta nebulosa de onipotências teóricas; ela tem uma estrutura e tem uma ordem (que é interna, evidentemente). A possibilidade universal não é determinada por nada fora dela, mas sim pela sua própria estrutura e pelas próprias leis que a compõem. A lógica humana é uma tradução longínqua dessas leis, isto é, não passa de uma tentativa de verbalizar certas condições que são inerentes a toda e qualquer existência possível; ela traduz em linguagem humana a estrutura da possibilidade universal. Se fosse possível expô-la diretamente, haveria uma ciência Metafísica. Infelizmente, a ciência Metafísica que temos é muito incompleta, muito deficiente e cheia de problemas, mas dela sabemos algo pelas próprias leis da lógica; nós entendemos que a existência do que quer que seja implica necessariamente algumas conseqüências e disto tiramos como conclusão uma série de adaptações que fazemos na nossa linguagem para que esta tenha a coerência necessária para poder expressar estas continuidade e coerência intrínsecas do próprio ser e da própria existência.

1) Se acontecem coisas que antes não eram possíveis, que não podem ser deduzidas dum estado anterior e 2) se estão entrando continuamente novas possibilidades, então temos de entender que acima do existente, existe o círculo da possibilidade (ou, se quiserem chamá-lo assim, da onipotência): novas possibilidades são possibilitadas como novos horizontes, novas potencialidades que se abrem dentro do Universo. Sem isso, já teríamos entrado num mecanicismo fechado (como havia na Renascença) onde o Universo é concebido como uma máquina. Se ele é concebido desta maneira, deve se desgastar, naturalmente, além de necessitar de combustível para funcionar – há de se notar que a idéia do Universo como máquina é uma figura de linguagem e não uma teoria científica. Hoje sabemos que uma coisa dessas, o Universo considerado como totalidade fechada, seria totalmente inviável, cientificamente falando. Está condenado. Ele só continua existindo porque é continuamente possibilitado, senão já teria acabado. Isso quer dizer que o resgate do finito pelo infinito é um processo permanente e que fundamenta toda a existência física, toda a existência no espaço-tempo. O que é o perdão, teologicamente? Exatamente a tradução disto na escala humana.

O ser humano também está submetido à Entropia: ele se desgasta fisicamente. A esse desgaste físico corresponde um desgaste na esfera anímica (espiritual). De todas as possibilidades que você tinha ao nascer, algumas foram realizadas por você (as que realizou não pode realizar mais) e, mais ainda, elas deixam marcas, conseqüências. Isso quer dizer que as possibilidades que você tem na sua vida terrestre vão diminuindo com o tempo. No começo, quando jovens, todos achamos que temos todas as possibilidades, que o mundo é um supermercado em aberto onde podemos escolher o que quisermos. Qualquer pessoa acima dos quarenta anos entende que as possibilidades se fecharam gravemente, ou seja, a sua vida física está, de fato, condenada ao declínio e à extinção. Deveria corresponder a isso, porém, uma extinção concomitante das suas possibilidades espirituais? [0:20]

Uma coisa é o que você é no plano espaço-temporal, outra é o que você é no plano da eternidade. Para que você seja algo no plano espaço-temporal, você tem de ser algo na eternidade, porque tudo aquilo que é real tem de ser possível. Cada um de nós que é alguma coisa neste plano espaço-temporal o é também no plano da possibilidade infinita, da possibilidade eterna. Ou seja, as possibilidades que você tem durante a sua vida terrestre vão se esgotando. Mas não corresponde a isso um esgotamento concomitante das suas possibilidades na esfera da eternidade. Isso é exatamente o que se considera o perdão.

Quando você vai à igreja se confessar e comungar, os seus pecados são perdoados. E a Igreja diz que eles são perdoados sem prejuízo das penalidades terrestres. Por exemplo, se você cometer um homicídio, arrepende-se e confessá-lo, então estará livre de pagar por ele na eternidade. Mas o pagará neste plano – somente neste plano. As possibilidades que se esgotaram neste plano espaço-temporal são preservadas intactas no plano da eternidade, que é o que a Igreja chama de perdão. Na verdade, isto não passa de uma tradução das leis da possibilidade universal para o plano da existência humana. Perdão vem do latim *per donare* – completar o dom. Isto quer dizer que, ao nascer, você recebeu certo dom que vai sendo desgastado no curso da vida, ou seja, as possibilidades recebidas vão se estreitando. Mas com o arrependimento, vem a possibilidade de ser preservado na escala da eternidade aquilo que foi perdido na escala espaço-temporal. Então, tudo aquilo que falei da Entropia e da abertura de novas possibilidades para o Universo inteiro, é exatamente o que entendemos por perdão na escala religiosa – são a mesmíssima coisa.

O perdão não existe somente para o ser humano, ele existe para o Universo inteiro, isto é, a possibilidade universal está continuamente injetando novas possibilidades e completando aquelas possibilidades inaugurais que constituíram o cosmo no seu primeiro instante. Estas últimas, que são a origem do cosmo, são chamadas pelos físicos de *Big Bang*: o momento em que certas forças – quatro no total – entraram numa certa combinação determinada pela sua proporção matemática. Se esta funcionou no momento em que tais forças se encontraram, então essa proporção matemática

em si era válida desde muito antes, porque aquilo que não é possível não acontece, ou seja, a possibilidade de combinação daquelas forças para dar origem ao cosmo espaço-temporal, já existia muito antes do surgimento do próprio cosmo. Essa combinação inaugural, por sua vez, tem de ser compatível com tudo o que veio a acontecer no Universo inteiro desde então. O que significa que ele já tinha compactamente todas as suas possibilidades de desenvolvimento futuro.

De certo modo, a história cósmica inteira tem de ser compatível com o que aconteceu no *Big Bang* – e o que aconteceu ali foi certa combinação matemática que já era válida bilhões, trilhões, quatrilhões de anos antes; era válida desde toda eternidade, assim como a conta de dois mais dois dá quatro também. Esta combinação das possibilidades matemáticas que depois se manifestam materialmente diante de nós é o que chamamos de *logos* – a inteligência divina, o conjunto do que é possível. São as leis autoconstituídas da onipotência – possibilidade infinita ou possibilidade universal. Estas leis, por sua vez, abrangem tudo o que aconteceu depois, inclusive o advento de um bicho chamado homem, capaz de entender tudo isso que estou dizendo aqui para vocês, que é a possibilidade dessas leis que constituem o Universo se tornarem autoconscientes dentro próprio Universo – não fora. Tudo já estava dado no início.

Como é que a possibilidade de atualização da inteligência e da consciência humana poderia entrar na constituição do cosmo, se ela já não fosse válida antes? Simplesmente não poderia. A totalidade da inteligência e do conhecimento humanos, já estava dada necessariamente nas leis da possibilidade universal. Então vocês entendem por que Deus não é matéria de fé e sim uma simples evidência científica que não há como negar? A não ser que seja provado o seguinte: antes do *Big Bang*, aquelas leis matemáticas não valiam, só começaram a valer naquele momento. O que é, evidentemente, uma impossibilidade intrínseca. Foi baseado nessas considerações que eu escrevi que o perdão é a própria base da constituição do Universo. Que é o perdão? É a abertura de novas possibilidades que transcendem o seu esgotamento no campo espaço-temporal.

Se isso não existisse, nós também não existiríamos (tampouco o Universo), nada existiria – o que é a mesma coisa que dizer que a simples existência do Universo é um milagre renovado. É o contrário de se concebê-lo inteiro como uma máquina regida por leis eternas... Elas até existem sim, mas estão acima do Universo. Este não é regido por leis eternas. As leis que regem o Universo podem ser renovadas, ou seja, novas possibilidades podem ser abertas. O Universo, de certo modo, é um campo de criação permanente. Note que eu não estou aderindo àquela teoria do Malebranche de que Deus está criando o mundo de novo a cada momento. Não, Ele não precisa fazer isso; já o fez. As possibilidades dentro da criação apenas continuam sendo abertas e renovadas.

Eu prometo a vocês que a partir do segundo ano do curso essas questões serão examinadas de uma maneira mais detalhada e mais técnica, acompanhadas da leitura de textos de metafísica cujo conhecimento me levou a essa conclusão – embora não a tivesse encontrado em lugar nenhum. Mas confrontando aquilo que diz Aristóteles, São Tomás de Aquino *et al.* com algum conhecimento do estado atual da ciência (conhecimento que admito ser rudimentar, mas quem pode dizer que o seu conhecimento da ciência atual não é rudimentar?) chego necessariamente a essas conclusões e à constatação de que quaisquer conclusões adversas desembocam em absurdos, impossibilidades puras e simples. Também é daí que tirei minha crítica à noção corrente do milagre como aquilo que viola as leis científicas – quais leis científicas? Vocês conhecem alguma na qual as coisas tenham necessariamente de funcionar? Que eu saiba, toda a ciência que existe atualmente [00:30] só é válida estatisticamente, ou seja, ela vale para a maioria dos casos.

Mas, em primeiro lugar: existem leis científicas que determinam tudo o que acontece? Não! Isso é uma impossibilidade pura e simples, porque uma ciência começa com a delimitação de um certo campo de fenômenos que acredita-se hipoteticamente que sejam regidos por uma determinada

constante. Quer dizer, selecionam-se os fenômenos em função da constante hipotética e daí vê-se se esses fenômenos obedecem de fato a esta constante chegando, em geral, à conclusão de que eles funcionam assim na maior parte dos casos. Aí tem-se uma lei científica que vale para a maior parte dos casos, descontando-se a área de nebulosidade que possa existir ali. Ora, mas se começa-se delimitando um campo, o que quer que se observe dali e se conclua, só vale para aquele campo.

Existe uma ciência da articulação entre todos os campos de realidade possíveis? Não existe e é impossível existir. Porque se se abordar campo por campo e depois tentar articular tudo, isso não termina nunca. Portanto experimentalmente, só conhecemos pedaços isolados e mal articulados da realidade. A articulação do conjunto, só podemos especular, por meio de raciocínios como este que eu fiz no começo. E note bem: mesmo que o meu raciocínio esteja certo, a comprovação experimental dele não terminaria nunca.

Então, por um lado há uma articulação lógica fundamental, que elucida as condições de toda ciência possível e, por outro lado, há as outras várias ciências que vão sendo criadas ao longo do tempo. Estas dependem daquela articulação inicial, mas não podem comprová-la experimentalmente de modo extensivo porque a comprovação extensiva só seria possível se houvesse um número infinito de ciências que abrangessem todos os aspectos da realidade e que lograssem provas infinitas disto – e claro que isto não é possível.

Entre um conhecimento de ordem metafísica (que diz respeito à condição mesma de possibilidade do conhecimento científico) e a ciência existente, existe um hiato, um abismo. A primeira fundamenta a segunda, mas a segunda jamais vai dar provas da primeira – a ciência comprovar os seus próprios fundamentos metafísicos é absurdo. Uma ciência só estuda o seu próprio campo e não sua própria constituição e as condições da sua validade. Não é possível você provar matematicamente as condições de validade de um cálculo matemático – nem a matemática, que é uma ciência de uma amplitude imensa. Dê-me uma prova aritmética da validade das leis da aritmética elementar, não há nenhuma. Pode-se dar uma prova: transportar aquilo para uma lógica verbal e da lógica verbal supor que aquilo expressa algo da constituição mesma de toda a realidade possível.

Não faltaram idiotas como John Stuart Mill que especularam universos possíveis onde dois mais dois dariam três, ou quatro e meio, e assim por diante. A pergunta é a seguinte: vamos supor que dois mais dois dessem quatro e meio num universo Y. Só podemos compreender isto porque sabemos que dois mais dois dão quatro, senão, quatro e meio não significaria nada. Então, essa especulação toda é absolutamente ridícula

Se há algo universalmente válido, são as leis da aritmética elementar. Mas notem bem: elas não são leis aritméticas – são leis lógicas e metafísicas. Se as retirarmos, então a aritmética elementar não vale mais. Mas se ela não vale mais, também não vale a álgebra, nem a geometria, a geometria analítica, ou o cálculo integral e tampouco o cálculo diferencial vale coisa alguma! Tudo seriam formas culturais criadas. Mas não é curioso que as mesmas pessoas que rejeitam as bases metafísicas da ciência e, portanto, transformam toda a ciência em mero simbolismo, em mera linguagem, pretendam que a ciência assim constituída tenha autoridade para opinar sobre todos os campos da realidade? Ora, se acabou de ser dito que é tudo simbolismo e invencionice, como é possível querer declarar em seguida que isto mesmo é universalmente válido e que o conhecimento assim obtido pode até opinar sobre as suas próprias bases? Isso é uma coisa de uma estupidez tão grande que deveria ser rejeitada *in limine*. É a famosa “lalda um”: acabou o teste, não vá escrever a segunda “lalda”! No entanto, idéias como essa circulam na nossa cultura com um prestígio de coisa muito importante, muito séria; como, por exemplo, o pessoal todo que estuda lógicas paradoxais. É evidente que grandes filósofos da ciência não caem nessas besteiras! Se as lógicas paradoxais

fossem válidas não se poderia sequer saber que elas são paradoxais. Só se chamam paradoxais porque existe uma lógica básica a partir da qual há como conceber variantes, mas variantes que estão condicionadas à mesma. Eu já demonstrei isso aqui.

Por exemplo, a lógica tradicional diz que A é igual A . Vamos supor que agora nós vamos inventar uma outra lógica na qual A é diferente de A . Escreva isto na sua mente: A é diferente de A . Tão logo você escreva isto, pergunte o seguinte: o primeiro A é diferente de si mesmo ou é diferente de um outro A ? Se não souber isso, você não está entendendo a própria fórmula que acabou de emitir. Mas para entendê-la, terá que se basear em quê? Na premissa de que A é igual a A ! Se o primeiro A é diferente de um segundo A , há dois signos e você está dizendo que estes signos expressam entes desiguais. Mas acontece que não só os entes designados são desiguais, os signos também são desiguais: aqui tem um A e ali tem um outro A .

Bem, você criou uma fórmula: " $A \neq A$ ". E esta fórmula é igual a si mesma ou não? Vamos chamá-la de fórmula Y : " $A \neq A$ ". Então, você tem uma fórmula X : " $A = A$ " – a fórmula da lógica tradicional –, e uma fórmula Y : " $A \neq A$ ". Nós sabemos que a fórmula " $A = A$ " repetida infinitas vezes será sempre ela mesma, porque ela obedece ao próprio conteúdo da sua formulação. Se A é igual a A , então a fórmula X que o disse é igual à fórmula X .

Agora temos aqui a fórmula Y , segundo a qual " $A \neq A$ ". Isso vale para a fórmula Y ? Ou seja, a fórmula Y é igual à fórmula Y ou é diferente da fórmula Y ? Não há como enunciar essa fórmula duas vezes sem que ela signifique sempre outra coisa e outra coisa... E mais ainda: nós sabemos disso porque nós sabemos que A é igual a A . Então, é claro que as lógicas paradoxais são a possibilidade criativa na esfera da linguagem, não na esfera da realidade. E não chegam sequer a ser lógicas: são estruturas possíveis de uma combinação de enganos. É preciso discutir isso com uma tremenda seriedade. Claro que isso pode ter inúmeras aplicações técnicas, mas todas elas dependem do bom e velho princípio de identidade.

Voltando um pouco o assunto, quando as pessoas definem um milagre como aquilo que rompe com as leis naturais, estão pressupondo, primeiro, que conhecem as leis naturais. Segundo: que as conhecem todas. E, terceiro: supõem que elas [00:40] já excluíram eternamente qualquer exceção possível. Como isto? Essa ciência não existe! Não só não existe, como a possibilidade de existência dela é nula pela própria definição de ciência. O próprio mecanismo pelo qual se cria uma ciência torna impossível que ela seja completa.

Quando a pessoa alega, por exemplo, hiatos entre as ciências, ela está invertendo as coisas. Não é que simplesmente há hiatos entre as ciências, mas elas se compõem desses hiatos; compõem-se de delimitações de campos hipotéticos regidos por constantes hipotéticas. Isso é o mesmo que dizer: nenhuma ciência versa sobre a realidade concreta. A ciência da realidade concreta é impossível. Nós podemos meditar sobre a realidade concreta, mas nós não podemos organizar uma ciência experimental dela, porque esta começa abstraindo um campo. Se não abstrair, isto é, se não separar idealmente aquele campo de outros campos, o estudo não pode sequer começar.

A ciência, tal como nós a entendemos hoje – a ciência experimental –, surge entre os séculos XV e XVI. Mas os milagres eram muito anteriores a isso. Então, como é que as pessoas antigamente entendiam o milagre? Como elas sabiam que uma coisa era um milagre se não tinham a noção de ciência?

Tomemos o exemplo do cego que foi curado por Jesus Cristo. Ainda não havia Newton, Bacon, Galileu, nem Claude Bernard, tampouco a medicina moderna. Como é que ele soube que a sua cura foi miraculosa? Será que ele começou especulando que em quinze ou dezesseis séculos iria surgir

uma ciência assim, e o que Jesus Cristo fez não se explica por esta ciência? “Ah, então é um milagre!”. É evidente que não foi assim. No entanto, as pessoas que sofreram curas miraculosas sabiam que essas curas eram miraculosas. Se elas sabiam, então é porque tinham outro conceito de milagre. E qual era esse conceito?

Foi isso o que tentei elucidar no capítulo que foi publicado na página *The Voegelin View* [<http://www.voegelinview.com/what-is-a-miracle.html>], que só existe em inglês, e não em português. Foi uma aula que eu dei e alguém ali da página, não lembro quem foi [Jack Elliott], ouviu a aula e fez um resumo em inglês – e está lá.

Agora, o número de pessoas que discute milagres como aquilo que rompe com as leis científicas é impressionante. Quer se acredite em milagres ou não, todo mundo discute a coisa nesses termos, quando, evidentemente, isso é uma impossibilidade pura e simples: um *nonsense*.

Toda esta discussão da possibilidade da ciência, do fundamento da ciência, está implícita na frase: “o perdão é a lei constitutiva da realidade”. Eu nunca escrevi um tratado de metafísica, mas dei umas dicas de metafísica aqui, ali e acolá, que reunidas explicam tudo. Literariamente, está espalhado, mas cognitivamente está muito bem organizado.

Mais tarde vamos ler o livro de metafísica do Leibniz, a metafísica de Aristóteles, e dois ou três trabalhos mais modernos e vocês terão a oportunidade de averiguar por si mesmos essas conclusões. Ou seja, uma coisa é este problema examinado, por exemplo, no decurso de uma mensagem de Natal: são uma ou duas frases que dão um efeito literário. Nesta aula, já podemos examinar com um pouco mais de detalhamento; e no futuro, examinaremos com mais detalhe ainda. Praticamente tudo o que escrevi em imprensa ou disse em programa de rádio, são compactações de coisas que podem ser apresentadas com um detalhamento imensamente maior numa aula, ou num curso inteiro, e assim por diante; de modo que blocos inteiros de meditações e análises, etc, podem se compactar em uma frase. Ou a frase, por sua vez, pode ser descompactada analiticamente depois – como queiram.

Tal como enunciei no começo, todo este primeiro ano do curso é dado, primeiramente, para lhes fornecer algumas técnicas do estudo e da vida filosófica e, em segundo lugar, para lhes transmitir uma ética da vida intelectual, uma ética específica da atividade filosófica, que me parece que é a coisa mais difícil; porque inteligência é uma propriedade humana geral: todo mundo tem alguma. Se alguém tem um Q.I. médio, digamos que seja 90, esta pessoa pode, pelo estudo, ir aumentando este Q.I. indefinidamente. Não há limite para isso. Eu mesmo sou testemunha disso – o meu Q.I. aumentou ao longo do tempo. O problema não é tanto a inteligência no sentido mensurável. O problema é: onde está o foco da existência? Onde está o meu coração? Onde está o interesse real? O que é que se está procurando mesmo? Esse é que é o problema.

Dois mil e quatrocentos anos atrás, Platão e Aristóteles já avisavam quanto à possibilidade de uso indevido da filosofia, ou a possibilidade de degradação da filosofia por mau uso. Hoje tentei localizar – não lembro em que texto estava –, mas em Platão há várias menções a isto. Aristóteles, especificamente, adverte que não se deve discutir questões filosóficas com pessoas que não conheçam e aceitem os princípios da prova. Quantas pessoas eu conheci na vida que conheciam e aceitavam os princípios da prova? Talvez uma ou duas! Porque aceitar os princípios da prova já é reconhecer acima de si mesmo, de uma preferência, de um grupo, acima de tudo aquilo em que se acredita, um conhecimento superior capaz de julgar tudo o mais. E se admite-se este conhecimento superior capaz de julgar tudo, então isto é estar em busca deste conhecimento – já é ser um filósofo. Mas Platão e Aristóteles advertiam que a corrupção surge entre as pessoas que têm algum

interesse na filosofia, mas que são ouvintes de ocasião. Não querem se dedicar total e profundamente à busca do conhecimento e da verdade, mas gostam de ouvir falar disto.

Antigamente, eu lembro que havia alguns alunos, sobretudo no Rio de Janeiro, que diziam que vinham ao curso para recarregar as baterias. Passavam a semana nos seus mundos, digamos, de interesses puramente imediatistas e, evidentemente, aquilo era tremendamente chato, cansativo e deprimente. Então iam assistir à aula do Olavo para terem duas horas do vislumbre de uma coisa superior que aliviava de algum modo os seus sofrimentos.

Bem, eu acho que no começo todo aluno chega exatamente assim. Por isso é que, no começo, quando os alunos perguntam o que é preciso fazer, digo que não precisam fazer nada, apenas sentar e escutar; este é o começo. Mas, ao longo do tempo, algumas pessoas vão querer algo mais do que isso. E elas entendem que a busca deste conhecimento tem de ser responsabilidade pessoal delas. Não é somente uma coisa que eu vou lhes transmitir. É algo que terão que fazer. E, durante muito tempo, terão que refazer tomando a mim como parâmetro. [00:50] Porque eu estou mostrando como se faz, e como vão saber se estão acertando? Fazem e conferem comigo. Cedo ou tarde vai chegar o dia quando elas vão levantar questões que eu mesmo nunca tratei, e que talvez não saiba. E aí não adianta chamar o Olavo porque ele não vai ajudar. Como Aristóteles que, quando morreu, nos deixou um tremendo abacaxi: ele disse que não existem entes genéricos, só existem substâncias individuais. E, por outro lado, disse que todo conhecimento é conhecimento do genérico. Daí alguém pergunta: “Professor, tem um problema aí que é... ops!” – e morreu Aristóteles. Isso já faz dois mil e quatrocentos anos e a gente não resolveu este problema direito.

Vai chegar um instante onde aqueles que prosseguirem, se esforçarem muito – só esses, os outros não –, vão chegar a problemas que estão muito além do que eu disse e talvez até acima da minha capacidade. E daí eu não poderei ajudar mais. Mas justamente aqueles que se esforçam mais, são justamente os que sabem que vão ter de continuar me tomando como medida durante muito tempo, talvez vinte ou trinta anos, até esgotar o círculo daquilo que eu possa lhes ter ensinado. Se não esgotou, ainda devem presumir que sou capaz de analisar aquela coisa um pouco melhor do que eles. Quando chegar no meu limite, eu mesmo aviso: “Olha, daqui para diante eu não sei, então, investiguem e descubram”.

O fator decisivo aí não é o Q.I., é o que se deseja alcançar. Eu tinha a certeza de ter dedicado a minha vida a investigar essas questões com a maior seriedade possível, porque precisava de alguma resposta para orientar a minha vida. Tive a grata satisfação de, durante um certo período da minha vida, ser desprovido de todas as certezas e viver num mar de dúvidas, e ter de buscar o conhecimento. Mas muitas pessoas nunca foram levadas a esta perplexidade. Ao contrário, ficam em estado de perplexidade quando começam a ver o que estou falando.

Esta é uma espécie de reação invertida. Quando estou colocando perplexidades, não fui eu que as inventei. Encontrei-as na cultura contemporânea. Não estou fuçando perplexidades e dificuldades. Ao contrário, estou fuçando soluções para problemas que já estavam aí e não fui eu que os criei. Mas, evidentemente, quando começa-se a expor o problema, ele se constitui todo de perplexidades, de dúvidas, de interrogações e de incertezas – e o sujeito chega, ouve a minha aula em que estou expressando aquilo, e pensa que estou lecionando perplexidades e dúvidas. Às vezes o sujeito nem vem à aula seguinte para ver como resolvi aquilo.

Hoje no Brasil, existem alguns milhares de pessoas que passaram pelo meu curso um mês, dois meses, e até dois anos, e que guardaram essas impressões parciais disto ou daquilo e que acreditam que sabem o que estou ensinando. Mas não sabem, não. E não sabem porque isto aqui é, no mínimo, a transmissão do que se chamaria de um sistema de filosofia (mas não é um sistema no sentido que

havia no tempo clássico – uma pseudociência universal que iria responder a todos os problemas). Eu afirmo: há apenas um conjunto coerente de meditações que podem orientar a sua vida intelectual. E creio que, das pessoas que estudaram comigo, muito poucas são aquelas que têm esta visão do conjunto. Cito uma delas: Luciane Amato, de Curitiba. Ela sabe o que estou fazendo. Ahmed El-Tassa, que mora na China, também sabe. Se alguém perguntar quais pessoas considero qualificadas para retransmitir o que ensinei, somente as duas: a Luciane Amato e o Ahmed El-Tassa – mais ninguém. Duas já são uma grandeza, porque, por exemplo, quando Aristóteles morreu, ele não tinha um único sujeito qualificado para continuar. Havia um monte de gente que sabia muita coisa, mas a queda de nível do Liceu aristotélico é uma coisa notável, depois da morte do fundador. Na escola platônica, nem tanto, afinal, a escola platônica teve o próprio Aristóteles.

Isto aqui é uma coisa muito trabalhosa. Quando determinei a duração de cinco anos para este curso, isso não quer dizer que vocês terão de seguir a minha orientação mais ou menos por cinco anos – não! Cinco anos é a educação formal. Depois, vocês terão uma certa área de estudo para explorarem sozinhos. Mas ainda continuarei sendo o ponto de referência. Não tem outro jeito: sempre foi assim. Não se forma uma corrente de pensamento mediante uma influência de três meses. Durante quanto tempo, por exemplo, Heidegger estudou os escritos de Edmund Husserl? A vida inteira! Claro, depois de um certo tempo, tomou uma direção completamente diferente. Mas ainda continuou se baseando naquilo. Não há outro jeito!

O avanço do conhecimento se faz assim. E na esfera do conhecimento não há essa busca de originalidade que há na arte. Na arte, o autor da obra tem que ser autor dela inteira. A concepção e os instrumentos são originais, o sujeito faz a coisa inteira sozinho. Mas em ciência e em filosofia não é assim. Se, de tudo que se aprendeu, depois se constrói uma outra coisa à qual se acrescentou mais dez por cento, já trata-se de um gênio! Se pensarmos o quanto Aristóteles acrescentou à obra de Platão, quando vamos ver, esta última é um conjunto dentro do qual Aristóteles desenvolveu um pedacinho. Todo o resto ele deu por pressuposto, aceitou tudo aquilo. Quem conseguir fazer isso, já fez muito. Então, essa coisa do discipular, da continuidade, é extremamente complexa e trabalhosa em filosofia.

Às vezes acontece de um discípulo acrescentar coisas muito além daquilo que o professor lhe ensinou, mas são coisas coerentes: uma coisa deve ser coerente com a outra. Se você perguntar assim: quando foi que São Tomás de Aquino abandonou os ensinamentos de Santo Alberto Magno? Nunca! Ele ensinou dez vezes mais que Santo Alberto Magno, coisas que Santo Alberto Magno jamais falou, mas as coisas estavam todas coerentes umas com as outras. E se alguém chegasse para São Tomás de Aquino e dissesse que ele escreveu algo ao contrário do que Santo Alberto disse, iria reexaminar tudo.

Isto é o normal. Em filosofia e em ciência não há a criatividade total. Aquilo que um monge da idade média falou (e que Newton repetiu sem citar o autor!), que “nós enxergamos mais porque sentamos nos ombros de gigantes”, em ciência e filosofia é a coisa mais verdadeira! A originalidade em ciência e filosofia consiste em acrescentar um pouquinho. Em geral, não se consegue acrescentar nada.

É claro que depois de estudar esses anos aqui, vocês devem continuar por muitos e muitos anos trabalhando dentro de vias que eu mesmo abri. Não há outro jeito. Se não for feito isso, não há de ser feito nada. E no fim, se puderem acrescentar alguma coisa própria, melhor ainda, porque daí a coisa andou. E é justamente para andar. O objetivo é que o aluno alcance aquele patamar onde possa prosseguir sozinho e, de preferência, que possa fazer a coisa avançar e descobrir algo além do que poderia deduzir somente lendo o que escrevi, ou ouvindo as minhas aulas. Isto é o ideal. Se não chegar a isso? Bem, eu não poderei dizer que foi um fracasso total: sempre sobra algum efeito

pedagógico. Mas não teremos conseguido [01:00] inaugurar um estilo intelectual criativo, capaz de se reproduzir.

Se virmos o que aconteceu com a obra do Mário Ferreira, é a maior obra filosófica das três Américas (se pegar todos os filósofos americanos, somados, não dá dez por cento do Mário), até uma das maiores obras do mundo, se não a maior. Quando eu comparo o Mário com o Edmund Husserl, por exemplo, digo que ele é muito mais inteligente que Husserl. Ele percebia coisas que Husserl precisaria de quinze vidas pra perceber e, no entanto, foi de uma esterilidade total pedagogicamente falando. Por quê? A absorção da filosofia do Mário é uma coisa para muitas décadas, eu ainda estou neste processo. E os alunos dele, o que faziam? Estudavam um tempinho com ele, e depois falavam: agora vou tomar o meu próprio rumo. Graças a isso, tudo o que fizeram foi pro lixo. Você conhece algum filósofo brasileiro discípulo do Mário que tenha feito alguma obra original? Não. Primeiro, não entenderam o tamanho deste filósofo. O Mário é o novo Platão: tem que ficar vinte, trinta anos em cima deste negócio e assim, talvez, possa-se até corrigir certas partes... E, talvez até acrescentar um novo campo de investigação que ele não abrangeu – embora no caso do Mário seja muito difícil, porque ele mexeu com tudo. O estudante brasileiro não tem muita idéia dessas coisas.

Não esqueçam que estamos numa sociedade de pessoas fracassadas: o normal no Brasil é fracassar. E fracassados gostam de se juntar numa mesa de bar e ficar falando mal dos outros. Consolar-se do próprio fracasso tentando corroer a reputação dos outros – isto não é nem um mau hábito, mas uma das bases da sociedade brasileira. Há um livro clássico no Brasil que se chama *A Vida Literária no Brasil 1900*, o autor chama-se Brito Broca, procurem ler, é uma das grandes obras de história literária no Brasil. E ele mostra que, por volta da passagem do século XIX para o século XX, algo que se chamava vida literária (a conversa entre escritores, encontros, e o intercâmbio social), predominava de tal maneira sobre a produção literária, que a literatura brasileira praticamente consistia desta fofocagem. Nada se escrevia que prestasse, ou pouquíssimo se escrevia que prestasse, mas a agitação em torno era muito intensa. E quando vemos aquilo, vemos que isto é de uma miséria tremenda, mas até hoje continua assim.

Por exemplo, vejam tudo o que escrevi e lecionei ao longo do tempo (isso forma uma massa considerável de coisas): já são 12 livros, mais não sei quantas apostilas, gravações, etc. Digam-me um livro que tenha sido escrito pra discutir com tudo isso? Nenhum. Em contrapartida, veja a multidão de fofocagem na internet, no orkut etc. É uma coisa incrível, cada um vai lá e põe três linhas. A fofocagem predomina sobre o trabalho, então é claro que é uma vida cultural estéril. De vez em quando aparece um sujeito com pretensões de expor o esquema da filosofia do Olavo de Carvalho, como aquele Paulo Araújo, que escreveu: “os filósofos que o influenciaram foram De Bonald, Xavier de Maistre etc.” – o sujeito foi parar muito longe. Ao menos ele teve o intuito de captar uma forma de conjunto do meu pensamento. Mas ele leu três artigos e concluiu: “daqui captei e entendi o conjunto do negócio e estou aqui interpretando e dando uma análise acadêmica”. Tudo isso é de uma miséria infinita. É isso que vocês querem fazer no futuro? É para isso que vocês estão aqui? Claro que não. Espero que cada um saiba e esteja consciente de que a miséria do meio não está só no meio, ela nos limita por dentro. Porém, estar neste meio tão miserável, não é, por sua vez, um destino tão miserável quanto se possa imaginar.

Há aqueles brasileiros que vinte, trinta ou quarenta anos atrás, tinham um pai rico e generoso, que os mandou estudar no exterior e cadê a maravilhosa produção intelectual dessas pessoas? Nada, é zero. Por quê? Porque o indivíduo sai deste favelão chamado Brasil, vem aqui para os EUA, ou para a Alemanha, Inglaterra e encontra um ambiente intelectual acadêmico decente, organizado, arrumadinho, fica deslumbrado com aquilo e se integra naquele negócio. Aquilo é extremamente confortável. Acontece que tudo o que ele vai aprender ali, não responde em nada as questões

existenciais brasileiras, então ele as esquece e compra outros problemas (que são característicos destes meios: americano, inglês, italiano, qualquer coisa), se adapta àquele meio e desenvolve uma atividade acadêmica medíocre, mas aceitável para os padrões do lugar, e isso é tudo. Depois pode até voltar para o Brasil, carregando o seu título de PhD embaixo do braço e arrumar emprego numa universidade medíocre, onde vai ter uma fama de gênio – como o Roberto Mangabeira Unger, que é uma besta quadrada.

O Roberto Mangabeira Unger, em matéria de pensamento político, é semi-analfabeto. Ele não entendeu nada a respeito de nenhum assunto político que abordou. O único livro dele que tem algum contato com a realidade é o primeiro, que se chama *Conhecimento e Política*; e mesmo assim, não chegou a ser inteligente o bastante para perceber a diferença entre a ideologia liberal e o regime econômico capitalista, acha que são a mesma coisa. O que significa que ele não distingue idéias e fatos, faz uma análise de autores liberais e aplica as conclusões ao capitalismo como tal. Mas há um abismo de diferença! Se o sujeito não sabe a diferença de idéia e realidade o que está querendo ensinar? Então percebe-se que seu destino grotesco e ridículo no Brasil foi inteiramente merecido. Ele começa proclamando que este é o governo mais corrupto da história do Brasil e no dia seguinte aceita um cargo dizendo que foi injusto, que não era bem assim. Justamente na hora surgem todas as provas do mensalão, ele descobriu que o governo não é tão corrupto quanto havia dito. Obviamente é um personagem de circo, então é isto o máximo que se consegue.

Muitos de vocês estão aí dentro deste meio compressivo, deprimente, pior do que um deserto (num deserto ao menos não acontece nada, mas aí acontecem coisas que só levam vocês para trás), não têm estímulo nenhum pra estudar, ao contrário, são cada vez mais e mais empurrados para baixo. Porém, existe alguma vantagem nisto: vocês podem desenvolver alguma resistência que o estudante médio americano ou europeu não tem e que aquele brasileiro transplantado para cá na juventude perde no primeiro mês.

Neste sentido, acho que vocês devem estudar as vidas daqueles brasileiros que produziram alguns dos produtos mais dignos da nossa alta cultura, e que foram a vida toda vítimas desse ambiente compressivo. Um deles é Lima Barreto. Quando analisamos sua vida, só há desprezo, isolamento, discriminação, boicote, falta de chance e, no entanto, o sujeito escrevia uns livros que eram bem melhores do que tudo o que os seus coetâneos faziam. Estudem estas coisas porque, de certo modo, esta é a sua vida, é isso o que vai acontecer a vocês. Lutar contra isto e tentar preservar aí nesse meio [1:10] a concentração e objetivos elevados, vai lhes fazer muito bem, melhor do que ter uma bolsa de estudos para Oxford.

Pelo fato de viverem no Brasil, vocês têm acesso a algumas das experiências mais deprimentes e terríficas que um ser humano pode passar no que diz respeito ao desenvolvimento espiritual. Só que essas possibilidades que existem no Brasil estão se espalhando pelo mundo. Lentamente vemos certos sintomas de degradação extrema que antes só se viam no Brasil, aparecerem aqui nos Estados Unidos, ou Inglaterra. Porém acontece o seguinte: americanos e ingleses são totalmente indefesos ante estas coisas. Cem por cento indefesos e justamente porque foram acostumados com outro patamar de educação, de alta cultura, educação doméstica etc.

Existem certas manifestações da degradação humana que são invisíveis a um americano, e a um europeu. Eles não percebem isto, porque está fora da possibilidade deles. Quando eu contava aqui para alguns americanos, a história do Lula sobre as cabritas, e do personagem companheiro de cela que ele diz que estuprou, os americanos não entendiam nos primeiros momentos, porque aqui o máximo que aconteceu foi o Bill Clinton com a Mônica Lewinsky. Cabritas? Jumentas? É evidente que qualquer pessoa aqui que tenha uma relação com uma jumenta ou com uma cabrita, mesmo na infância, será imediatamente submetido a tratamento psiquiátrico. A família vai ficar alarmada, vai

dizer: “este menino está louco”. E quando o Lula deu aquela entrevista dizendo que bom era antigamente, pois tínhamos mais liberdade para comer cabritas e jumentas, então ele estava proclamando que, numa certa área (do Brasil pelo menos), a loucura, um sintoma psicopatológico, era admitido como normal. Não há como meter isto na cabeça de um europeu, de um americano, eles nunca vão entender. No dia que entenderem isto, terão se rebaixado admitindo a hipótese. Se admite-se como hipótese viável ter relação com jumentas e cabritas, porque que não há de se estuprar um ser humano? Já é um *upgrade*. Pois se o sujeito que comia cabritas, já está comendo gente, não é um *upgrade*? Ele está mais próximo da normalidade do que estava antes.

A vida em condição de miséria espiritual e intelectual extrema pode alimentar uma certa independência do meio, o que num outro ambiente não seria possível. Nos EUA o meio é bondoso, tratam-se bem, dão chance, ninguém se boicota, deixam-se ir para frente, às vezes até torcem uns pelos outros (mesmo os que não gostam do que o outro diz), vão empurrando-se para frente. Só vão ao boicote em casos extremos (evidentemente isso também existe, mas não é a norma, não é a regra). Então adapta-se facilmente ao ambiente. E aí é fácil tornar-se tão indefeso quanto os outros participantes do mesmo ambiente. Isto significa que um sujeito formado aqui nos Estados Unidos, em Oxford ou na Sorbonne, e mandado para o Brasil, vai se degradar a um ponto que não dá para imaginar.

Observem o caso do Pierre Verger, antropólogo, formado na França. Chegou ao Brasil, encantou-se com o candomblé e depois escreveu aquele livro *O uso das plantas na cultura Yoruba*, onde descreve rituais para matar o adversário, ou fazer cair o pênis do inimigo e outras coisas similares (o caso daquele menino que apareceu cheio de agulha no corpo era um desses ritos). E ele descreve aquilo sem perceber que se degradou muito abaixo do que poderia imaginar no começo. Como é que alguém pode achar que uma religião que normalmente pratica ritos para isso seja uma coisa válida, uma religião como qualquer outra? Que temos que aceitar isto na diversidade cultural e devemos até praticar isto? Pois, quem admitir que aquele ritual tenha alguma eficácia e praticá-lo, então é, obviamente, um assassino. Se pode-se provar que o rito tem uma eficácia material, ele mata efetivamente a pessoa, e ele é praticado, então quem o pratica é um assassino. E se tal prática não tem eficácia nenhuma, então está se enganando todo mundo, quem faz isto é um charlatão. Não há terceira alternativa. E o sujeito que escreve isso, se integra na cultura brasileira e vai para o buraco, desce até o último nível de degradação concebível.

Quando o Bruno Tolentino chegou ao Brasil, eu tinha as maiores esperanças em torno dele. Mas ele não resistiu à confusão, ao caos do meio. Afundou mesmo, e foi destruído por uma espécie de AIDS – não é brincadeira isso. Quanto tempo leva para formar um Bruno Tolentino? Trinta, quarenta anos. Ele teve a melhor formação e as melhores companhias possíveis. Eu considero que o círculo de amizades com pessoas capacitadas é até mais importante que a formação acadêmica. O Bruno aprendeu na convivência com grandes poetas e críticos da época, muito mais do que em qualquer curso universitário. Somente através de sua amizade de trinta anos com Wystan Auden, o maior poeta vivo da Inglaterra, e suas conversas diárias, alguma coisa tinha de aprender. O investimento humano para criar um Bruno Tolentino é enorme. Mas ele podia sobreviver e produzir bem no meio europeu. No Brasil, o que ele produziu? Nada. Praticamente tudo o que publicou estava pronto. Ele só deu uma ajeitadinha final, uma edição e publicou. Tudo o que escreveu no Brasil é nada perto do que já estava escrito. O Bruno voltou ao Brasil para morrer. E ele era um gênio assombroso.

Cada um de vocês tem que pensar: “o que é que eu quero fazer? Tenho uma missão para com esse país porque estou vendo que isso aqui está se degradando abaixo do esperado, e nós temos que criar uma coisa melhor para a geração seguinte, esta é nossa missão!” Ou alguém pensa o contrário? – “Eu estou apenas me sentindo desconfortável aqui e quero uma coisa melhor pra mim?” – se este é realmente o problema, então esta pessoa está realmente fora da vida intelectual. Porque ela está

julgando a vida que quer realizar apenas como uma vida de conforto, não de realização. É claro que o conforto é preferível ao desconforto, isso eu não discuto. Porém, existe o critério de hierarquia, de importância. A partir do momento em que vocês entenderam que existe uma vocação e, junto com ela, uma certa missão a cumprir, esta deve ser o critério de julgamento de tudo. Aquilo que favorece a missão é bom, e o que a desfavorece é ruim. A extrema miséria pode desfavorecer, mas o conforto e o bem-estar, também podem desfavorecer, portanto, tudo isso é muito relativo.

Olhando a minha própria vida não posso dizer que os momentos de maior conforto e segurança foram os de grande criatividade – acho que não foram. Os momentos de maior criatividade foram os mais miseráveis. É claro que vocês estão num ambiente que podemos considerar humanamente compressivo, depressivo. Qual teria que ser a atitude a se desenvolver diante disso?

Lerei um texto para vocês do Nicolae Steinhardt. [1:20] Li um livro maravilhoso, que anos atrás eu recomendei ao Edson Oliveira da *É Realizações* e que eu vejo que agora foi publicado em tradução de um aluno (acho que ele é aluno deste seminário, ao menos foi meu aluno durante muitos anos), do Elpidio e da esposa dele, Cristina Manesco – a qual é romena. É uma obra prima da literatura romena, um dos grandes livros e chama-se *O Diário da Felicidade*, e o autor é Nicolae Steinhardt, um judeu que era um inimigo do regime Ceaușescu, fez lá alguma coisa e foi parar na cadeia por motivos políticos. Ficou doze anos, sofreu torturas horríveis e lá se converteu ao cristianismo e morreu como monge ortodoxo. Ele escreveu este livro contando as experiências dele na prisão, dando esse título quase paradoxal, quase escandaloso, de *Diário da Felicidade*. Na contracapa, o Edson escolheu, muito bem escolhido, um trecho central onde ele diz o seguinte:

“Entrei cego na prisão (...) e saio com os olhos abertos; entrei mimado, luxento, saio curado de caprichos, afetações, presunções; entrei insatisfeito, saio conhecendo a felicidade; entrei nervoso, impaciente, ultra-sensível a bobagens, saio sereno (...)”.

E assim por diante. Aqui, num dos primeiros capítulos ele dá alguns conselhos, que eu vou ler resumidamente pra vocês. Não vou ler inteiro, vou ler brevemente e comentar. O capítulo chama-se *Três soluções*. Ele diz:

“Para sair de um universo cerrado, e não é necessário de modo algum que seja um campo de concentração, prisão ou uma outra forma de encarceramento, pois a teoria se aplica a qualquer tipo de produto do totalitarismo (...)” .

Ou seja, aplica-se a nossa situação brasileira também. Diz ele que existe para sair deste caminho, em primeiro lugar, a solução da fé. Mas a fé ninguém tem porque quer, é um dom divino. Então não é disso que ele está falando, mas de soluções humanas, coisa que, por iniciativa própria podemos buscar. Quer dizer, quem está dentro de uma situação compressiva (ou por estar num campo de concentração, ou na cadeia, ou por estar num ambiente espiritualmente deprimente, como no Brasil), como é que faz? Diz ele:

“Primeira solução – a de Solzhenitsyn. Em *O Primeiro Círculo*, Aleksandr Isayevich a menciona rapidamente, voltando a ela no primeiro volume do *Arquipélago Gulag*. Essa solução consta, para quem passa pelo limiar da *Securitate*” – a polícia secreta, a “KGB” romena – “ou qualquer outro órgão análogo de inquérito, em dizer a si mesmo, com decisão: 'neste exato instante morro mesmo'. Permite-se dizer a si próprio, consolando-se: 'pobre da minha juventude, ou pobre da minha velhice, da minha esposa, dos meus filhos, de mim, do talento, ou dos bens ou das minhas forças, da minha amada, dos vinhos que já não beberei, dos livros que já não lerei, do passeios que já não farei, da música que já não ouvirei, etc.,' Mas algo é seguro e irreparável: doravante sou um homem morto. Se pensar assim, sem

hesitação, o indivíduo está a salvo. Já não se pode fazer nada contra ele. Já não tem nada com que ele possa ser ameaçado, chantageado, iludido, enganado (...)” – assim por diante, você desistiu de tudo...

“A segunda solução – a de Alexander Zinoviev, é encontrada por um dos personagens do livro *As Alturas Ocas.*” – esse é um livro absolutamente fantástico – “O personagem é um jovem apresentado com um apelido alegórico de 'O Rebelde'. A solução reside na total inadaptação ao sistema. 'O Rebelde' não tem domicílio certo, não tem documentos, não está no mercado de trabalho, é um vagabundo, um parasita, um pobretão e vadio. Vive de hoje para amanhã do que se lhe dá, do que aparece, de bagatelas. É maltrapilho, trabalha ao acaso, às vezes, quando e se aparece uma oportunidade. Passa a maior parte do tempo em prisões, ou campos de trabalho forçado, dorme em qualquer lugar, vagabundeia. Não entra no sistema por nada deste mundo, nem mesmo no serviço mais insignificante, mais inútil, mais desengajado. Não se mete nem mesmo a pastor de porcos.”

É aceitar estar no lixo social, todo desprezo público. Não ligar para isso, daí não se pode mais ser atingido.

“Terceira solução – a de Winston Churchill e de Vladimir Bukovsky. Resume-se ela: Em presença da tirania, da opressão, da miséria ou das adversidades, das desgraças, das calamidades, dos perigos, não só não te abates, mas ao contrário, tiras delas a vontade louca de viver e lutar. Em março de 1939, Churchill disse a Marta Bibescu:

– Vai haver guerra! Pó e pólvora vão ser feitos do Império Britânico, a morte nos espreita a todos. No entanto, sinto-me rejuvenecer vinte anos. Quanto mais as coisas vão mal para ti; quanto mais imensas são as dificuldades; quanto mais és ferido, mais cercado e submisso aos ataques; quanto mais não entrevês nem sequer uma esperança probabilística racional; quanto mais o cinzento, a escuridão e o viscoso se intensificam, se inflam e se enredam de modo mais inextricável; quanto mais o perigo te desdenha mais diretamente – tanto mais tem desejo de lutar e conhece um sentimento crescente de inexplicável e eminente euforia.”

“Com a solução de Churchill se identifica também a solução de Vladimir Bukovsky. Este conta que quando recebeu a primeira convocação na sede da KGB, não pôde fechar os olhos durante toda a madrugada. 'Coisa natural' – dirá consigo o leitor do livro de memória dele – 'coisa mais que natural: insegurança, medo, emoção.' – Mas Bukovsky continua: 'Não pude dormir é de impaciência. A custo esperava para que se fizesse dia para estar perante eles para dizer-lhes tudo o quanto penso deles e entrar neles como um tanque de guerra. Não podia imaginar felicidade maior para mim.’”

Ou seja, convocado para ir à KGB falar, ficou louco para ir lá dizer a verdade na cara dos desgraçados, e ele de fato fez isso. A única solução que encontraram para o Vladimir Bukovsky, foi interná-lo num hospício sob a alegação de que ele era tão destemido que era louco.

Ao longo da minha vida, adotei essas três soluções e passei pelas três. Ora juntas, ora separadas, e sobrevivi intelectualmente graças a isso. Então sugiro que vocês leiam este livro, ao menos este capítulo, com a máxima atenção e entendam que para sobreviver espiritualmente e intelectualmente, num meio como o brasileiro, vocês terão que fazer isso.

Isso não significa que o homem morto não experimentará a vida. Ao contrário, é só ler tudo o que Solzhenitsyn escreveu e vê-se que ele teve muito mais vida do que as pessoas que estavam à sua volta. Também não significa que o marginal, o homem jogado para o fundo do lixo, viverá na

humilhação. Ao contrário, ele sabe que é um aristocrata, despreza aquele meio e sabe que não está lá não por incapacidade, mas por excesso de capacidade.

Eu sugiro que vocês assistam ao filme da vida de Miyamoto Musashi, o samurai. No terceiro capítulo ele já perdeu todas as ilusões até com a condição de samurai, já não quer mais duelar com ninguém porque não tem graça, ele mata todo mundo. Num dos capítulos anteriores ele duelou com setenta e duas pessoas, e matou as setenta e duas. Ele está querendo algo mais, está agora com preocupações morais, quer ser uma pessoa melhor. Então ele vai para o fundo da sociedade e vai viver como um camponês, numa terra sem dono; pega um pedaço de terra e começa plantar arroz e feijão, vive ali no fundo do buraco. Ao mesmo tempo, o sonho da vida do maior espadachim vivo além dele (que é um homem importante, instrutor de príncipes etc.), é duelar com Miyamoto Musashi, [1:30] que não está nem aí. Cada vez que o sujeito o desafia para um duelo, ele adia, manda uma cartinha: “No ano que vem”. Até que, no fim, não dá para escapar mais. Ele vai até o sujeito, duela e o mata. Então Miyamoto Musashi adotou as três soluções. Primeiro, não conta mais com a vida, ele vence o duelo porque se considera morto – já não defende a própria vida. Segundo, ele se lança propositadamente para o grau mais baixo da sociedade para não ser mais acessível à lisonja, à chantagem etc. E terceiro, quando a situação engrossa, Musashi ataca. No segundo capítulo da história, uma academia inteira o desafia para um duelo. Ele vai lá e destrói a academia inteira.

Portanto são essas coisas que devem nos inspirar. A nossa vida, evidentemente, não é tão arriscada quanto a de um samurai, ou à de um prisioneiro político na União Soviética. Aqueles que acham que a nossa missão é muito dura, lembrem-se disto: somos pessoas extremamente privilegiadas porque a nossa luta não é com armas de fogo nem com espadas – a luta é na esfera intelectual e espiritual. Então, primeiro, dos riscos imediatos, de ordem física, nós estamos privados, defendidos. Em segundo lugar, aquilo que se opõe a nós não é um *establishment* estatal que está disposto a acabar conosco, mas apenas um meio social compressivo. Claro que, gradativamente, ele está se consolidando nas formas de um novo Estado, mas isto ainda não está pronto, não se pode dizer que no Brasil há uma KGB. Não há ainda. Está se formando agora, mas ainda deve levar mais uns vinte anos. De modo que se nós fomos colocados nesta missão, nós temos de agradecer porque ainda é muito branda. Ela exige disciplina, contenção, mas de ordem psicológica apenas. Não exige a bravura física – às vezes pode até exigir, mas é por um momento ou dois, não é aquela coisa constante de estar na prisão sendo torturado diariamente como o Nicolae Steinhardt ou o pastor Wurmbrand – não é isto o que está nos acontecendo.

A idéia da formação para a vida intelectual é fazer de vocês pessoas muito mais fortes psicologicamente, espiritualmente, do que todos aqueles que os rodeiam – família, amigos etc. O que significa que vocês podem ter muito amor por estas pessoas, podem ajudá-las em muita coisa, mas não podem depender delas no mais mínimo que seja.

E se aparecerem pessoas até querendo ajudá-los nos estudos, vocês podem até aceitar, desde que tenham a firme disposição de que essas pessoas não terão autoridade nenhuma sobre vocês, porque a tendência humana é essa: quando aparece um benfeitor que ajude alguém com dinheiro, este abaixa a cabeça perante aquele – instintivamente assume a posição de empregado. Às vezes nem o benfeitor quer isto, mas no tecido de relações no qual nós vivemos é assim. Então, ao mais mínimo sinal disso, saibam respeitar a sua dignidade. Se alguém lhes ajudar em sua vida de estudos, é obrigação dele – obrigação! – e vocês não lhes devem um tostão, porque estão dedicando suas vidas a alguma coisa que é um trabalho de salvação nacional, e esta pessoa pode dizer a mesma coisa?

Aparece uma pessoa que dedicou a vida a buscar dinheiro, a viver entre prazeres etc. e ela, para apaziguar a alma, decidiu ajudá-los um pouco. Aceitem, mas não tenham sentimento de dívida.

Vocês devem ter sentimento de dívida com pessoas que deram muito em relação àquilo que tinham. Eu, por exemplo, tenho sentimento de dívida com a Isabela e o Alessandro aqui sentados, que são pessoas que não têm recursos, não têm tempo, não têm energia sobrando, e estão dando tudo, mais do que têm. Agora, se há um sujeito que tem milhões e deu-lhe um pouquinho de dinheiro, bem, não custou muita coisa. A contribuição deve ser avaliada não pelo quanto ela beneficiou a nós ou ao nosso estudo, mas pelo quanto custou ao doador. E nós não podemos desistir desta ética.

Se não aparecer ninguém para ajudar, melhor. Mesmo para o coitado do sujeito que quer um livro e não pode comprar, é ótimo, uma coisa maravilhosa que pode acontecer. Se for o caso de algum de vocês, anote o título do livro e espere um ano, dois, três, dez, vinte anos. É preciso este livro, a informação que está ali, e a pergunta vai se tornando mais intensa por dentro. Isso, às vezes, vale mais do que ter o livro no primeiro momento. Eu, por exemplo, tenho um livro que se chama *Saturno e a Melancolia*, escrito por Erwin Panofsky e outros [Raymond Klibanky e Fritz Saxl], e quis este livro durante vinte anos – era muito caro e não pude comprar. Quando consegui comprar e o livro chegou, não era aquele o assunto que eu estava estudando no momento, botei-o na estante e não o li até hoje. Ao passo que, às vezes, outros livros que me custaram dois dólares foram muito mais úteis no momento. A dificuldade material de acesso ao estudo, tem de se transfigurar em desafio: “Ah é, desgraçados? Querem me matar à míngua? Vocês vão ver, eu vou durar. Vocês vão morrer antes de mim e eu vou fazer o que tenho que fazer ainda que leve trinta ou quarenta anos”. Ponham isso nas suas cabeças e vocês vão ver como isso os vai fortalecer. Não vai transformá-los em outras pessoas, mas em vocês mesmos, muito mais fortes e muito melhores.

Quando se tem o senso de qual é o dever a cumprir, em primeiro lugar, há um critério para julgar as próprias ações – e é o único critério que vale. Porque até os dez mandamentos serão interpretados em função disso. Se tomados os dez mandamentos de maneira chapada, igual para todos, não fazem o menor sentido, porque eles são regras universais que se aplicam a todos em todas as circunstâncias. Só há um jeito de aplicá-los, e não será a um ser humano genérico, que está em todas as circunstâncias, mas a um ser individual, que está numa circunstância específica e que é você mesmo. É preciso conhecer a situação concreta e fazer a mediação. É um negócio que eu disse até num artigo recente [“A demolição das consciências”, *Diário do Comércio*, 21 de dezembro de 2009]: São Tomás de Aquino dizia que o problema não é reconhecer a regra geral, mas saber como ela se traduz na situação específica. Então não adianta nada ter decorado os dez mandamentos. Para usá-los como critério de conduta, é necessário fazer a tradução deles para uma situação particular, e esta tradução não se faz dedutivamente – isto é muito importante –, não se trata de pegar uma regra geral e ir baixando e especificando até uma situação concreta. Não! Existe sempre um hiato entre uma coisa e outra, entre o universal e o individual, e que só pode ser preenchido por uma função intuitiva. Se fosse uma questão de dedução, o ente mais moral que existiria seria o computador! Isso quer dizer que, em cada momento, a escolha do seu critério de conduta é um problema enormemente complexo que exige a totalidade da sua presença de espírito. Tem de estar realmente alerta [1:40] à situação, aberto ao conhecimento da realidade para conseguir aquele nível de sinceridade consigo mesmo que lhe permita abrir-se diante de Deus.

Se quem for confessar fizer a listinha dos pecados e a disser para o padre, isso só valerá quando esta listinha for a condensação de uma confissão muito maior e mais complexa que já se fez por dentro e que não daria tempo de fazer para o padre. Ou seja, quando seu conteúdo for todo o auto-conhecimento possível colocado lá e, não podendo explicar-se toda a sua miséria interior para o padre, condensa-se esta lista simbolicamente em dois ou três tipos de pecados seletivos. Agora, quem for ali com espírito administrativo (“cometi esta infração e esta, mais esta...”), então isso não vale absolutamente nada, é ridículo. Sobretudo, o padre não sabe os seus pecados, mas Deus sabe. Então aquilo que se pretende revelar, às vezes não está se revelando, não está contando novidade

nenhuma! Neste sentido, a confissão é sempre mentirosa, nunca está se dizendo uma coisa inteira. Então não importa o que se diga, mas sim aquilo o que se sabe que Deus está sabendo.

Portanto, quando há o senso de uma missão a cumprir, existe um princípio de seleção hierárquica para o julgamento que se fará de cada ato, de cada pensamento, de cada sentimento, intenção. E deve-se estruturar toda a vida em função disto. Isso é o que os escolásticos chamavam de 'o dever de estado': existe um dever religioso geral que é igual para todos. Mas por ser geral ele só existe de maneira genérica. Na prática, o indivíduo ocupa um lugar determinado na sociedade e as suas obrigações perante Deus e os seres humanos estão condicionados por este lugar. Então é preciso ter a consciência desta posição real no tecido da situação, para que se saiba qual é a sua obrigação específica e quando falhou a ela. Atender a todas as obrigações do mundo é impossível, o sujeito sempre vai falhar com alguma. Mas há um critério e, quanto mais aprimorado for este critério, menos as pessoas que não participam do seu mesmo senso de missão vão entendê-lo. Porque elas esperam outras coisas e vão lhe cobrar outros deveres que são deles na verdade, mas querem vestir a camiseta no outro, querem que seja igual a eles – isto não é possível. Então é esse senso de missão que vai constituir a sua espinha dorsal e quem não tiver isso, será uma pessoa plástica que vai ceder facilmente às exigências dos outros e será facilmente chantageável, enfim, vai ser um fraco que acabará sendo esmagado.

Eu não quero isto acontecendo para vocês, o Brasil não precisa de mais pessoas fracas. Ele precisa de várias dezenas de pessoas fortes, que não se deixem corromper e sejam capazes de seguir o exemplo dum Bukovsky, dum Winston Churchill – estes exemplos que o Steinhart deu ali de pessoas que não vão ceder à sedução do meio. Não é preciso viver em conflito, porque esta seria também uma forma de se deixar corromper.

E tem outra coisa: ao longo de suas vidas vocês serão muitas vezes acusado injustamente. Vocês pode ser acusados até por seus parentes, amigos, etc. E a maneira mais fácil de corromper uma pessoa é acusá-la injustamente. Porque daí ela começa a se defender. E na hora que se defende, vai exagerar suas virtudes no impulso de dizer que não é tão mal assim e vai acabar tentando demonstrar que é muito boa. Daí outro conselho: nunca se defendam. Se alguém os atacar, ataquem de volta. Nunca se expliquem ou dêem satisfações ao acusador, jamais nas suas vidas. Eu diria que a melhor defesa é o ataque, não é isso? Quem começa a se explicar, está advogando em causa própria e isso é o avesso da confissão. Às vezes o sujeito é acusado de alguma coisa que até fez pior, mas o acusador não sabe. O que se deve dizer, se explicar? O sujeito chega e fala: “você comeu a mulher do Fulaninho”. Vocês vão dizer: “Pior, não comi a mulher dele mas comi a sua”?

A auto-defesa coloca-os numa posição falsa de exaltar as próprias virtudes. Isso não é bom. Porque as suas virtudes, se vocês as tiverem, devem transparecer nas suas obras, naquilo que vocês fizeram, não no discurso de auto-exaltação. Ao contrário, nós devemos ter um discurso de auto-acusação para apresentarmos diante de Deus: “Deus, eu fiz isto e mais aquilo, sou muito pior do que eu mesmo imaginava, sou uma decepção, uma fraude, um vigarista, eu sou um nada”. E devemos dizer isso não como um exagero retórico, mas com consciência de que é verdade.

Sobretudo termos consciência de que não existe nenhum motivo pra existirmos. Tentem comparecer diante de Deus seguros de que Deus os criou por um ato de vontade d'Ele e mais nenhum outro motivo! Ele não era obrigado a criar-nos. Não há razões pra existir. Cada um de nós é um bicho insustentável. Então na confissão estamos conversando com a fonte e origem da nossa existência pela qual só podemos ter gratidão, porque é um absurdo. O que Deus fez por nós é um absurdo. É tão bom, mas tão bom, que é absurdo. Aliás, não só nos fez como agora vai nos refazer. Porque perdoar é refazer. “Eu estraguei tudo e Deus vai me refazer espiritualmente.”

Portanto é importante ter esta consciência e, para isso, é importante não se defender dos atacantes, não viver num permanente ato de auto-justificação. Então, perante os ataques, ataque mais que o sujeito logo muda de assunto. Às vezes as pessoas estranham porque eu faço isso. É por este motivo, isto é uma técnica! Para que vou dar satisfação a um vagabundo, mentiroso, intrigante? Eu dou satisfações a Deus, não posso tratar o sujeito como se fosse Deus – seria uma blasfêmia tremenda!

Por outro lado, notem que as pessoas que têm alguma condição financeira ou social melhor, frequentemente não sabem transformar isso numa coisa vantajosa para a sua vida intelectual, elas acreditam que têm deveres nesta esfera. Por exemplo, quem herdou um dinheiro do pai e agora acha que tem de provar que é um empresário tão bom quanto o pai. Não há obrigação nenhuma disso! Se esta pessoa quiser gastar até o último tostão do seu dinheiro herdado para estudar, estará fazendo a coisa certa. Desde pequeno eu observei uma coisa que só acontecia nas famílias judaicas que eu conhecia (aqui nos EUA acontece em outras famílias, mas no Brasil parece que só judeu sabia disso): se o pai tinha feito fortuna, digamos, vendendo sutiã, ele botava um filho pra tocar violino, outro pra estudar física, e dizia: “Dinheiro eu já fiz, [1:50] agora vivam suas vidas. Claro, se tiverem vocação pra vender sutiã, venham vender comigo”. Mas as outras famílias não. Se o sujeito vende sutiã, quer que todo mundo fique vendendo sutiã eternamente e quem não quiser fazer isso se sente culpado. Às vezes odeia aquela imposição paterna mas ao mesmo tempo fica querendo mostrar pra ele mesmo, ou para o pai, que é capaz de fazer aquilo. Pra que aceitar um desafio que não é seu?

Aluno presente: Você estava falando que a gente não pode se auto-justificar dos ataques... Mas e se a pessoa que estiver atacando for uma pessoa próxima?

Olavo: Se for mãe, avó, tia, irmão, se o ataque vem da família? Pior ainda! Nunca dê satisfações a ninguém, nunca se explique! Você pode dar explicações a quem não as pediu, a quem não está exigindo, não está cobrando! Aqui para os meus alunos, por exemplo, eu dou um monte de explicações. Mas ninguém está me cobrando nada, ninguém está me acusando de coisa alguma. Porém, se vier um acusador, devo dar alguma explicação a ele? Nunca! Nunca a ninguém! Defender-se é acusar-se! Precisamos ter uma posição de extrema humildade perante Deus e de altivez perante os maliciosos. Temos que ter autoridade sobre os maliciosos. Se for preciso humilhá-los, que se faça isso, não fará mal nenhum a eles. Agora, às pessoas que estão inocentes aqui, por exemplo, os alunos – não me acusaram de nada, ninguém está me cobrando coisa nenhuma, pelo contrário, tratam-me com o maior respeito –, a esses é claro que eu posso dar alguma explicação.

Às vezes uma pessoa gasta anos da sua vida tentando dar uma impressão melhor a pessoas que poderiam pensar mal dela. Mas por que é que elas deveriam pensar mal? E aliás, por que é que deveriam pensar alguma coisa a seu respeito? Se tem uma coisa da qual já me livre há muitos anos é ter opiniões sobre pessoas. Se o sujeito pergunta que acho do Fulano, eu não acho nada. Não sou Deus, não o criei, não tenho que prestar satisfação disso, nem vou julgá-lo no Juízo Final, para que eu deveria ter opinião?

Quanto a julgar pessoas, às vezes podemos julgar atos, este ou aquele em particular se aquilo nos afeta. Eu tenho alguns alunos muito bons e, certo dia, chegaram a mim e disseram que o Fulaninho é viado. Mas este veio me pedir para largar isso, ou pedir ajuda? Ele não pediu nada! – “Mas isto é feio, é pecado etc.” – se tirar todos os pecadores da Igreja, não sobra um! Por que esse pecado em particular é tão horrível que a gente não possa aceitar aquela pessoa na nossa convivência? E lá sei eu se o outro não é adúltero, bêbado, viciado, ladrão...? Não sei e não quero saber!

Além disso, nenhum defeito que se tenha, nenhum pecado que se cometa é, em si mesmo, um obstáculo ao seu progresso na vida intelectual e espiritual. Todos eles são a matéria da qual vai se compor a sua própria vida espiritual. Então o que me interessa não é o pecado do sujeito, é o que ele está fazendo nesta via que estou indicando. Se está fazendo o melhor possível, não interessa daonde partiu. Se ele partiu de muito baixo, bem todos nós partimos de baixo! Se partiu de baixo, o mérito é maior ainda, ele tem esse problema pra vencer e o outro não tem. Por exemplo, chega um cara que é, sei lá, viciado em cine-pornô e vem falar do outro que é viado. O problema deste é um pouco maior que o daquele, mas então o mérito é maior ao que tem de fazer um esforço a mais! Portanto, o defeito pessoal das pessoas não me interessa absolutamente. Está aqui a minha mulher, que é testemunha: não agüento ninguém vir falar mal de alguém para mim nem por dois minutos! Não quero saber!

Quanto a ter opiniões sobre as pessoas, o que se pode é ter opiniões sobre atos que elas fizeram (principalmente se esses atos são contra você), sem julgar a pessoa na totalidade (não dá pra saber isso). E pode-se, às vezes, ser obrigado a criar uma opinião sobre uma pessoa se ela estiver sobre sua guarda e orientação, como a um filho ou até a um aluno. Mas não sobre todos os alunos a qualquer momento, de jeito nenhum. Só se o sujeito viesse pedir uma opinião. As pessoas às vezes pedem para a gente explicá-las a elas mesmas e a gente faz isso.

Note que nenhum juiz de direito que condene um sujeito à cadeia, tem uma opinião total sobre o cara, mas somente sobre um ato. O sujeito nos outros momentos pode até ser uma pessoa excelente, mas, se ele roubou, é punido por este ato específico. Não está se julgando a pessoa, mas o ato. A hierarquia no julgamento é o elemento fundamental da educação doméstica – e depois, da educação religiosa. E vejo que hoje é isso o que mais falta. As pessoas julgam as outras por coisas meramente empíricas, aleatórias, conforme aquilo que lhes desagradou no momento. Primeiro, não é pra julgar as pessoas. Segundo, se é pra julgar outra pessoa deve-se entender, primeiramente, qual é o sistema de regras morais que ela está seguindo em seu coração. Posteriormente, analisar se esse sistema faz sentido, se é aceitável e como é que você relaciona isso ao seu próprio sistema de valores – tem que levar tudo isso em conta.

Outro dia eu recebi uma carta de um sujeito falando muito mal do Júlio Severo, que ele só desce o cacete no movimento Gay e não faz nada para ajudar os ex-gays. Por que é que todos têm de fazer tudo o que há de bom? Por que o bem não pode ter uma divisão de trabalho? O que o Júlio Severo pode fazer por um ex-gay? Ele é psicólogo? É terapeuta? Não, ele não sabe lidar com isso. Mas é um crítico social-cultural vigoroso, muito bom. Então está fazendo a parte dele, outra pessoa faz a outra parte! Às vezes as pessoas também cobram de mim: “por que você nunca falou nada a respeito de tal ou qual coisa?” – porque nunca tive a presunção de escrever sobre tudo. Por que eu deveria fazer isso? E por que eu deveria ter opinião sobre tudo?

Vamos fazer uma pausa aqui, depois eu respondo às perguntas.

[Intervalo]

Então, vamos continuar. Aqui está a pergunta do aluno. O e-mail é muito longo, não vou ler inteiro. Em primeiro lugar ele me recomenda a leitura do livro de [Mormon ? 1:58:38]. Não li, vou ler. Não digo que vou ler agora, mas qualquer hora eu leio. E ele faz uma observação:

Aluno: Na última aula eu não concordei com o que o senhor disse sobre a Bíblia, que as Escrituras não devem ser entendidas ou compreendidas (...)

Olavo: Olha, eu não disse isso, mas de jeito nenhum! Eu disse que os textos da Bíblia não podem ser, aliás, não devem ser interpretados. Porque a interpretação é uma técnica, uma arte (até ensinada academicamente) e não funciona para os textos bíblicos – ao menos não num primeiro momento. Deve-se entender que há uma diferença essencial entre o que é um texto sacro e um texto humano. Este é um conjunto de percepções e pensamentos humanos transmitidos de um ser humano para outro. Aquele é um componente de um fato que não foi inventado por nenhum ser humano. É um componente, um elemento, uma cadeia de fatos miraculosos que se sucederam desde [2:00] a Anunciação até a redação do Evangelho e continuaram se sucedendo depois. Primeiramente, deve-se aceitar aquilo como um fato e não como texto. A própria redação do texto faz parte da sucessão de eventos miraculosos. E a palavra compreensão não se aplica precisamente a isso, porque compreensão significa apreensão, isto é, fazer daquilo um conteúdo seu. E não é exatamente isso o que se passa com o texto sacro, a pessoa não o compreende, mas ele compreende e abrange o indivíduo. Você, a sua vida, a sua realidade é uma ilustração do que está no texto. Então, estamos perante o texto não como o espectador de uma peça está perante ela, mas como um personagem dela está perante a peça. Se assistimos a Hamlet, vemos o conjunto do que aconteceu, enxergamos aquilo de fora e por isso temos uma compreensão intelectual daquilo. Porém os personagens estão vivendo aquilo, mas cada um sabe apenas um pedaço da história. Como faria um personagem para tomar consciência do enredo que o envolve?

Certamente não é se colocando fora do texto e examinando-o como um observador; é assumindo a realidade daquilo que está acontecendo e permitindo que a inteligência seja moldada pelo conjunto da realidade que está sendo imposta – é uma espécie de adequação ao texto, e não adequação do texto às categorias interpretativas que a personagem já tem. É nesse sentido que eu estou dizendo que não deve ser interpretado. Eu não digo que não devem ser entendidos ou compreendidos. A própria noção de entendimento e compreensão é precária em função disso. Então, quando compreende-se um texto humano, ele se integra em estruturas intelectuais já existentes. O texto bíblico não, pelo contrário: funda novas estruturas que não têm nada a ver com o que se sabia antes e que se sobrepõem ao que se sabia antes com uma diferença infinita.

Leiam o livro do Northrop Frye – *The Great Code* – onde ele mostra que praticamente todos os enredos da literatura ocidental têm fonte bíblica: aquelas histórias geraram infinitas histórias cujo sentido está vinculado à sua origem bíblica. Isso quer dizer que a Bíblia é a fonte de todos os modelos de situações humanas que nós podemos compreender, viver (os outros textos não, eles expõem uma situação, outra, e outra – mas todas elas estão dadas na Bíblia). A Bíblia é a articulação de todas estas situações, como eu posso compreender isto? Não posso sequer apreender isso como um conjunto, ele é inabarcável. Posso é passar a ter uma participação consciente nessas estrutura e ordem que se sobrepõem a mim – é uma compreensão por participação e não por interpretação e uma coisa é muitíssimo diferente da outra.

Eu vou dar um exemplo numa escala muito menor: como é que se compreende a experiência do amor por uma pessoa? Colocando-se fora dele, observando e interpretando? Não. Se fizer isso, ficar-se-á privado da experiência. Ela desaparecerá e, desta forma, não poderá mais ser compreendida. É justamente vivendo-a conscientemente e aceitando aquela situação como realidade que ela vai esclarecendo a pessoa, e não a pessoa esclarecendo a situação. Se isto é assim numa simples relação de amor humano, quanto mais não será com Deus? Isso quer dizer que depois de ter essa participação aprofundada, poderão até serem utilizados os instrumentos hermenêuticos de interpretação, mas eles, por si, não revelarão a nada, não explicarão nada do texto. Se fosse assim, qualquer professor de religiões comparadas seria um santo e um profeta e, no entanto, conheço gente que passou a vida inteira estudando, interpretando textos religiosos e não entende nada daquilo. Quantos professores de religião comparada deram a vocês uma explicação do milagre como eu o fiz naquela apostila que está no *Voegelin View* [op. Cit.]? Não foi estudando religião

comparada que cheguei àquilo, mas usando este método da submissão participativa que estou lhes dizendo, de nos integrarmos numa outra realidade (a realidade divina), que nos transcende, e deixar que ela nos esclareça. Este é o verdadeiro entendimento do texto bíblico.

Senão não adianta dizer que é a palavra de Deus se a trata-se como se fosse uma palavra qualquer. Uma palavra qualquer é uma mensagem humana de um ser humano para outro. A palavra de Deus tem uma força formativa, ela cria! E depois cria de novo, restaura quem a lê na hora em que é lida. Por isso que não consigo ler a Bíblia como esse pessoal lê. Ela negócio é avassalador. Leia uma frase dali, que ela modifica tudo em você. É uma coisa duma responsabilidade imensa. Quanto mais se pensar no sentido daquela frase, menos se vai entender. Só se vai entender quando deixar que ela o forme. Não sei se estou explicando isso direito, se a minha explicação é clara o suficiente, mas não estou dizendo que não se deva entender a Bíblia. Deve-se entendê-la sim e entender significa ouvir. No entanto, compreensão como se tem de outro texto não há de se ter nunca. Isto seria fazer dela um conteúdo seu, quando na verdade você é conteúdo dela.

Estou expondo aqui um método prático meu: leio a frase e deixo que ela me envolva, impressione e transforme. E pelo efeito que ela teve em mim digo qual o seu sentido, ao menos um dos sentidos possíveis é este que aconteceu comigo. Então entendi pelo menos um sentido – o sentido do texto sacro é infinito, senão não o estou tratando como verdadeiro texto sacro.

E este método, por sua vez, não funciona para com todos os textos sacros de todas as religiões, porque alguns destes textos sacros são apenas revelações privadas que foram dadas a Seu Fulano ou Sua Fulana, que as estão transmitindo. É claro que aquilo tem um valor espiritual, é um testemunho, mas não tem esta força formativa, que só é encontrada na Bíblia mesmo.

Aqui o autor da pergunta também diz que “a Bíblia é uma passagem de claro entendimento.” Sim, é de claro entendimento genérico, mas se tentamos apreender aquilo como fazemos com o sentido de qualquer outro texto, veremos que imediatamente surgem controvérsias, como, por exemplo, o texto diz que devemos nos batizar. Bem, na Igreja Católica, o padre derrama um pouco de água na cabeça da pessoa e a batiza em nome do Pai, Filho e Espírito Santo. Já o pastor protestante diz que não, tem que ser por imersão – saia dessa! **[2:10]** Este modo de interpretação da Bíblia só gera controvérsias teológicas. Se alguém quiser lê-la para entrar em controvérsia teológica e provar que é mais santo do que o outro, faça – mas não acho que isso seja sabedoria, e sim, burrice. O primeiro método não só é a aceitação literal, mas a aceitação daquilo como fato real. Fato que o sujeito não entende, mas dentro do qual está e, na mediada da sua participação consciente, algo daquele sentido acaba se mostrando para ele, não no texto, mas na própria pessoa, pelo que aquele transformou nela. A possibilidade que se abriu é um dos sentidos do texto sacro – não é todo o sentido, mas pode ter certeza de que é válido. Então digamos que se tenha uma certeza absoluta, mas não total.

Aluno: Um pequeno depoimento: sempre gostei muito de escrever. Já publiquei dezenas de artigos jurídicos, já participei de alguns livros e tenho grande orgulho disso. Assim, suas frequentes admoestações a respeito do voto de abstinência de opiniões soaram como algo quase impossível de ser cumprido, pois iam contra um hábito firmemente arraigado. Continuei a escrever até que resolvi ler O Triste Fim de Policarpo Quaresma, de Lima Barreto. Este livro me deixou profundamente incomodado, pois contava a história de uma pessoa muito bem intencionada, mas com nítido desconhecimento da realidade. De certa forma, identifiquei-me com o personagem. Pois é. Depois que li esse livro, nunca mais escrevi nada. Deixei, inclusive, um artigo pela metade. Eu vi o poder transformador da literatura, fui convencido por Policarpo Quaresma. (...)

Olavo: O que digo aqui é como dizia Lênin: dar um passo para trás para dar dois para frente. Refrear o seu impulso de opinar agora é para conquistar: primeiro, um corpo de opiniões muito

mais fundamentado e, segundo, instrumentos expressivos muito mais adequados a dizer o que você quer dizer. É como quando se entra numa escola de artes marciais e o professor fala: “Agora não se meta mais em briga de rua.” O aluno diz: “Ah, mas eu vim aqui justamente para aprender a bater nos outros!” Ele diz: “Não, meu filho. Você vai se abster disto de modo que, se acontecer uma briga de rua involuntariamente, estará muito mais equipado do que antes. Mas se começar a entrar em briga de rua agora, desaprenderá tudo o que ensinei e não terá valido a pena.” Um dos grandes escritores religiosos do século XX foi Thomas Merton. Quando ele entrou no mosteiro, a primeira coisa que o superior fez foi proibi-lo de escrever por oito anos. Quando ele voltou a escrever, saiu uma obra prima. É assim.

Aluno: (...) Em segundo lugar, gostaria que o senhor comentasse a afirmativa: ‘Os conceitos não traduzem a realidade, mas simplesmente podem, em maior ou menor grau, facilitar a compreensão desta realidade. É inócuo, pois, tentar estabelecer o conceito verdadeiro a não ser que por ele designa-se o conceito que se entenda ser o que melhor habilita o conhecimento científico, hipótese em que a terminologia será claramente inadequada.’

Olavo: Eu não sei quem foi que escreveu isso, mas este pedido é obviamente uma impossibilidade – não dá para fazer isto. Isto é fácil de falar: “Nós não podemos ter um conceito de uma coisa real, mas criamos um que é adequado à investigação científica.” Ora, isto o que acabou de ser dito, é a realidade ou apenas adequado à investigação científica? Não se pode fazer isso, fazer um juízo de realidade sem que este pretenda traduzir uma realidade. Se for dito: “Isto traduz apenas a perspectiva científica que estou lançando.” – bem, então está se fazendo um juízo de realidade a respeito da perspectiva científica de quem enuncia tal frase. Mas será que esta perspectiva é realmente a que foi dita? Se é, então criou-se um conceito real de uma perspectiva científica, embora tenha-se acabado de dizer que não se pode criar conceito real. Isto é um jogo de recuo infinito, um erro primário de lógica que nenhuma pessoa alfabetizada tem o direito de cometer.

Quando os pragmatistas diziam: “Não é possível dizer nada sobre a realidade, podemos apenas criar conceitos que são úteis.” – mas eles são realmente úteis? Se o são, então a utilidade professa é real, pois acabou de se fazer um juízo de realidade sobre a utilidade. Portanto isto é apenas uma maneira de se desdobrar uma frase. Se ela pode ser dita com três palavras, então é dita com seis, depois com doze, depois com dezoito e assim por diante. Isso é como um vírus de computador, não uma doutrina filosófica, científica e nem um método científico. Se toda vez que o sujeito quer dizer alguma coisa, ele tiver de lembrar que não fala de uma realidade, mas apenas de uma perspectiva, uma hipótese científica etc; o que ele diz sobre a própria hipótese também não é uma tradução real desta, mas apenas uma hipótese sobre a hipótese. Então o terceiro julgamento também gerará a hipótese da hipótese da hipótese sucessivamente, e nunca terminará! Quem quer que diga isso é um charlatão, saiba ou não. Isto é uma bobagem. Se eu não posso dizer uma coisa real sobre um elefante, como posso dizer algo real sobre a hipótese que formulei sobre esse mesmo elefante? É muito mais fácil conhecer o elefante.

Aluno: Saudações, o curso está sendo bastante produtivo. Minha questão é: existe algum livro introdutório à poesia ou à linguagem poética?

Olavo: Sim. Eu recomendo o livro de um autor que se chama Johannes Pfeiffer, e o livro é *Introdução à Poesia*. É um livro de cem páginas que saiu pela Edições de Europa-América, de Portugal, há muito tempo. Talvez você o encontre num sebo, no original em alemão ou em traduções – inglesa, francesa – através do site www.bookfinder.com. O livro é uma maravilha.

Aluno: Na aula 2, o senhor disse que “a vocação não tem nada a ver com a necessidade de dinheiro nem com prazer; é uma outra coisa.” Será que o senhor poderia comentar algo sobre a questão da vocação?

Olavo: A vocação é o eixo estruturador da sua vida e tudo deve ser julgado em função dela. Para realizarmos a vocação, a miséria e a falta de meios podem servir de obstáculo, mas a abundância de meios também pode. Então, essas coisas não podem ser julgadas de maneira absoluta, ou seja, tudo isso é relativo. Relativo a quê? À realização da sua vocação, a quem você quer ser quando crescer. Você perceberá que muitas coisas que lhe parecem, em certo momento, desagradáveis ou prejudiciais, podem acabar se revelando boas a longo prazo e outras que lhe pareciam ótimas, às vezes, podem estragá-lo ou enfraquecê-lo.

Aluno: Gostaria de perguntar se o senhor teve a oportunidade de ler o livro do Oscar Quevedo, Milagres – a Ciência confirma a Fé. O que o senhor acha da abordagem que ele faz do conceito de milagre?

Olavo: Eu não li especificamente este livro, mas li muita coisa escrita e falada pelo Pe. Quevedo há uns vinte anos.

Falei alguma coisa sobre o conceito de milagre [2:20] na primeira parte da aula. Levantei o problema: se definirmos milagre como aquilo que viola ou rompe com as leis naturais supostamente conhecidas pela ciência, então, antes de ser formulada a ciência moderna, ninguém poderia saber o que é um milagre e, no entanto, todas as pessoas que foram objetos ou testemunhas de milagres sabiam o que era um milagre. Então vimos que o conceito atual do que seria um milagre não é um conceito objetivo, mas um conceito por comparação com um objeto completamente contingente e desnecessário.

Definamo-lo de outra maneira: o milagre é a ação da onipotência. Esta, não depende da existência de uma “ciência” para compará-la. Sem a ação da onipotência não existe realidade – nem ciência, nem inteligência, nem coisa nenhuma. Mostrei isto de uma maneira muito clara no começo da aula. Portanto, a onipotência, ou possibilidade universal, não pode ser explicada por nada que não seja ela, e é em si a condição da possibilidade de existência de qualquer coisa. Não vejo como isso possa ser confirmado ou negado por uma parte daquilo que resulta dela mesma. Uma parte de seus efeitos remotos servirá de padrão de comparação para a fonte da totalidade? Isto é tão absurdo e metodologicamente tão inviável que o simples fato de levantar essa questão já mostra uma queda da inteligência filosófica e científica absolutamente formidável. Revela-se uma inabilidade total de lidar com esses problemas.

Como a ciência poderia confirmar a fé? A fé é a confiança que se tem na pessoa de Nosso Senhor Jesus Cristo. Não há nada que possa confirmar isto. A confiança nesta Pessoa, vem da promessa que Ela fez, da sua identidade – Ele é quem diz que é –, e o fundamento da prova de sua identidade é a própria Identidade. Ele disse: “Eu sou o Verbo Divino. Eu sou o *Logos* Divino.” Toda e qualquer prova do que quer que seja depende do *Logos* Divino; não adianta pedir uma prova externa, pois esta também será baseada no *Logos* Divino. O que falta? Uma prova experimental? Mas uma prova experimental é uma aplicação da metodologia lógica a determinado assunto. E qual é o fundamento desta metodologia? É o próprio *Logos* Divino, meu Deus do céu. Entra-se num raciocínio circular perfeitamente desnecessário e, aliás, inviável. Não se pode compreender sequer o que é conhecimento, ou ciência ou realidade sem ter por referência o *Logos* Divino, nem dá para começar. É por isso que a Igreja sempre disse que a fé em Nosso Senhor Jesus Cristo – acreditar nas promessas d’Ele – é matéria de fé, mas a existência de Deus, não é. E cá estou eu repetindo e explicando a mesma coisa, mas duma maneira um pouco mais adequada aos dias de hoje.

Primeiro o que aconteceu foi que o sucesso (pelo menos aparente) da ciência moderna, as pessoas identificam com o sucesso da tecnologia. Eu já expliquei mil vezes que pouquíssima coisa da tecnologia depende dos avanços da ciência, mas, ao contrário, a ciência depende da tecnologia. Segundo, já expliquei também que nenhum desses avanços da tecnologia jamais dependeu de qualquer pressuposto ateísta. Afirmar que o sujeito criou o avião, ou uma vacina, ou um reator atômico baseado na premissa de que Deus não existe, é impossível. Então, em que a tecnologia moderna depende do ateísmo? Nada! Não deve nada a ele. É totalmente independente até do que se chama ciência no nível teórico. Mas como a imaginação popular (alimentada pela mídia imbecil) acha que a tecnologia moderna deu alguma força argumentativa contra os milagres e contra a fé, então alguns padrecos, assustados, começaram a tentar interpretar sua religião nos termos da ciência moderna – o que é uma besteira fora do comum. Não precisa e não se deve fazer isto!

Toda a ciência moderna está fundamentada em pressupostos religiosos e sem isso ela não seria possível. Sem a concepção da possibilidade universal, da possibilidade infinita, do *Logos*, não há ciência. A não ser que se denomine por ciência uma atividade convencional e inventada pelo ser humano, um produto cultural que não tem poder de preensão sobre a realidade e que, no fim das contas, não passa de uma invenção conveniente. Quando se aceita esta hipótese e, ao mesmo tempo, quer que essa invenção tenha o poder e a autoridade de nos dizer o que é a realidade e o que não é, então é claro que se entrou numa loucura, numa contradição absolutamente esquizofrênica. É o equivalente a dizer: “Tudo isso que estou falando é invenção, mas esta aqui é a realidade e você não a pode negar.” É claro que quem afirmar isso é louco e não se deve ouvir por mais de dois minutos. Portanto, o livro do Pe. Quevedo é só um dos milhares que tenta expor conteúdos da religião cristã nos termos da ciência moderna. Para quê, se esta ciência daqui a pouco será derrubada e virá outra? Que perda de tempo é essa?

Não é possível demonstrar nada da fé pela ciência. Não é possível e nem preciso. Por quê? Eu lhes dou um exemplo: Benedito XIV, numa Bula cujo nome esqueci agora, em que ele determinava as regras para a beatificação e santificação, dizia o seguinte: “Nenhum fato deve ser rejeitado em nome de uma idéia.” – não é certo isso? Não é um preceito científico? Agora, alguma ciência pode se orientar por isso? Nenhuma pode. E vou repetir o porquê: a ciência começa delimitando um campo de fenômenos conforme a sua adequação possível a uma constante hipotética. Portanto, o campo de investigação da ciência não é a realidade concreta, mas um recorte já pré-determinado, ou seja, ela não pode aceitar qualquer fato, mas apenas os fatos compatíveis com os métodos de investigação que ela criou para confirmar tais ou quais constantes. Então o que alguma ciência tem a dizer sobre qualquer fato concreto é nada, zero.

De tal modo, para que a ciência confirme os milagres, ela precisa recortá-los na medida destes campos abstratos criados por ela própria, reduzi-los a uma invenção e depois provar que esta é verdadeira e isso não dá para fazer. Eu vou tomar como exemplo as hóstias que sangram. São milhões delas. Existem mais depoimentos e provas de hóstias que sangram do que existem da existência do Olavo de Carvalho, eu sou mais irreal do que as hóstias que sangram. Que ciência estudará isso? Este é um fenômeno que diz respeito a qual ciência? Este fenômeno consiste numa articulação entre terrenos que cientificamente estão separados por abismos epistemológicos intransponíveis. [Mas] é um fato concreto. Este fato viola alguma lei científica? Não, porque simplesmente não há leis científicas suficientes para estudá-lo. Não é que ele viole a lei científica, [2:30] ele simplesmente não tem nada a ver com o mundo estudado na ciência, o milagre é um fato concreto. A articulação de várias ciências produzirá um fato concreto? Não. A perda da noção de fato concreto é um dos fenômenos característicos da modernidade, só acreditam em fato inventado.

O que os cientistas podem confirmar quando estudam fatos miraculosos, são dúvidas que eles mesmos levantaram relativos à sua ciência. Por exemplo, quando o sujeito levantou uma dúvida quanto à data do Santo Sudário de Turim. O sujeito mediu e falou que aquilo não poderia ser autêntico porque, segundo ele, foi produzido no ano 1200. Então ele quer dizer que naquela época havia não apenas a arte da fotografia, mas uma máquina capaz de tirar uma fotografia exata, em tamanho natural com todos os detalhes? Cadê essa máquina? Então quer dizer que do ponto de vista daquela ciência, da datação do teste Carbono-14, o resultado no qual se chegava era absurdo. O que o sujeito deveria ter dito era que a sua ciência não tinha nada a dizer sobre isto porque, tentando resolver um paradoxo, chegou em outro muito maior. Mais tarde, o mesmo sujeito que fez esse teste, confessou que estava enganado. Bem, então volta tudo como era antes, ele não tinha explicação para o Santo Sudário de Turim e não o terá jamais, porque cada ciência existente só pode estudá-lo sob um determinado aspecto abstrativo. E como é que este aspecto abstrativo se encaixa dentro do fato concreto real chamado Santo Sudário de Turim? Esse encaixe é altamente problemático – como nós vimos neste mesmo exemplo.

Então, que lei científica o Santo Sudário violou? Nenhuma. Isso simplesmente não tem nada a ver com nenhuma lei científica. É uma manifestação concreta da onipotência. Quem nega esses fatos, não quer conhecimento da realidade, quer apenas uma carreira acadêmica e a obediência aos seus coleguinhas. O sujeito já está negando todo e qualquer fato que não se enquadre nos parâmetros da sua ciência. Mas estes são, por definição, seletivos e abstrativos e não se pode viver com bases neles um único minuto. Portanto estas discussões não são sérias.

Uma ciência do milagre tem que ser uma ciência fenomenológica do fato concreto, não há outro jeito. E essa ciência deve se basear na total fidelidade à integridade do fenômeno, com todos os seus componentes simultâneos, porque se separar os vários aspectos – na verdade os aspectos são infinitos –, separa-se meia dúzia, mas nenhum destes em si mesmo constitui um milagre, porque a onipotência só age no mundo concreto. Quem age no mundo abstrato somos nós: pensamos coisas que não têm nenhuma relação com a realidade. Deus não pode fazer isto, é uma limitação de Deus. O que Deus pensa é realidade. Ou é realidade ou é possibilidade infinita.

Para estudar o milagre de Fátima, vai ter que se inventar uma ciência que articule aquele movimento do sol com a previsão da guerra seguinte – como é que se faz isto? –, e com o fato de que estas duas coisas apareceram articuladas na frente de três criancinhas. Que ciência vai estudar isso? Não há ciência para isso e jamais existirá. Agora, o sujeito esquece o seguinte: acima da ciência existe um treco chamado realidade. E esta implica, além de responsabilidade, a resposta real de seres humanos reais a situações reais. E não tem nada a ver com aquele mundinho fictício que se estuda na academia – aquilo é coisa dela mesma. O que se chamou de conhecimento [lá] é tudo brincadeira de criança. Não é um conhecimento que implique uma total responsabilidade humana, pelo simples fato de ser investigação atual e sendo aberta a hipóteses.

Se um cientista jura, aposta a vida dele na hipótese, já não é mais uma hipótese, é uma fé integral – então não é mais ciência. E sendo uma aposta, então é apenas uma hipótese. Quando o sujeito fala que tal coisa é fato científico, eu digo que não há fato científico. Se é ciência não é fato, se é fato não é ciência. Ciência só estuda relações entre entidades abstratas. As relações em si podem ser verdadeiras, mas não [são] fatos.

Aluno: Agradeço ao Sr. e à equipe todas as aulas deste ano. Este nosso Curso On Line de Filosofia me salvou inúmeras vezes de um sentimento maligno de depressão e perda das forças vitais, sentimento esse bastante presente no Brasil. Tenho, por meio do curso, inclusive, feito amizades baseando tudo só na sinceridade e no amor à sabedoria, algo bastante raro no Brasil. (...)

Olavo: Este é um dos benefícios que eu sempre pensava neste curso, porque o isolamento enfraquece muito as pessoas. Mas, por outro lado, a companhia, a amizade, também não são coisas sempre boas, também atrapalham. Tudo aí é relativo, exceto o amor à sabedoria, a busca. Nisto você tem que se comprometer cem por cento.

Aluno: (...) Eu estou com um material muito útil em mãos, trata-se dos resumos de todas as aulas. Este resumo deve somar umas duas centenas de partes absolutamente organizados por tópicos. Já falei com o Silvio Grimaldo para que, muito em breve, este material esteja à disposição de todos os alunos do curso. Gostaria que o Sr. mandasse um abraço para o pessoal do Recife, que uma vez por semana se reúne para discutir, às vezes madrugada a dentro, as aulas do seminário. (...)

Olavo: Está mandado aí um abraço para todo mundo. Parabéns!

Aluno: (...) Gostaria de fazer uma pergunta: Meus amigos e eu, toda semana estudamos um resumo lendo em voz alta os textos que eu produzo a partir das aulas. Gostaríamos de treinar a nossa dicção e nossa voz pessoal. (...)

Olavo: Ah, maravilha! Eu já recomendei o curso do Arthur Joseph. Procure isto. Embora seja em inglês, acho que dá para adaptar aquilo para a língua Portuguesa. À medida que se vai aprendendo, vai se criando outros exercícios similares. E se alguém quiser se especializar nisso, se tem aí algum fonoaudiólogo, alguém que goste disto, eu recomendo: faça isto. Inclusive vai ganhar um bom dinheiro. Adapte o curso do Arthur Joseph para o Português – ou pague pelos direitos autorais, ou invente outra coisa parecida –, as pessoas precisam muito disso no Brasil, porque como a língua falada no Brasil está muito distante da língua formal – o que não acontece nos outros países –, é difícil as pessoas encontrarem a entonação certa, seja usando a palavra 'entonação' no seu sentido estrito (vocal mesmo), seja a entonação no sentido estilístico. No Brasil, muito do que se fala hoje soa falso, soa forçado, é uma coisa horrorosa. Realmente não se encontra problema similar em outros países. Então, reencontrar a própria voz fisicamente é uma maneira de encontrar o próprio estilo em literatura. Se algum de vocês tiver a vocação, tiver jeito para isso, faça, e irá muito longe.

Aluno: (...) O Sr. poderia nos dar algumas orientações e conselhos sobre a leitura em voz alta das principais passagens das aulas? Tenho impressão de que a busca pela voz pessoal deve ser articulada com a presença total do ser – somente quando estamos no centro da realidade é que podemos falar a voz que vem direto do nosso coração.

Olavo: Isto é a pura verdade. A busca da voz é a busca da sinceridade. [2:40] Se tomarmos como exemplo o tom de um discurso de um deputado (no Brasil), e o tom com que a pessoa conversa no dia a dia, ou o tom de um discurso presidencial, o tom de um discurso de magistrado, vemos que é [tudo] muito diferente. Quando ouvimos os discursos dos presidentes americanos parece que eles estão falando para a família deles – especialmente os maiores, os mais talentosos. Ronald Reagan por exemplo, fazia piadinhas no discurso presidencial, uma atrás da outra, milhares de piadinhas de extremo bom gosto. Quem faz isto no senado brasileiro? Ninguém faz, porque eles têm que falar ali de uma maneira empostada.

Isso cria uma dificuldade [imensa] de comunicação. A linguagem cotidiana é muito oposta, é muito hostil à linguagem formal e a linguagem formal sufoca a linguagem pessoal. É claro que somente escritores, pessoas habilitadas, podem resolver este problema, abrir um caminho. Para isso é que eu já recomendei certas leituras como Marco Rebelo, Herberto Sales, que foram pessoas que trabalharam muito esta questão da naturalidade na linguagem formal. Infelizmente a lição deles foi perdida, mas nós temos que recuperar. Eu mesmo fiz vários ensaios, várias tentativas neste sentido,

com maior ou menor sucesso, mas em termos de comunicação oral, acho que estou mais ou menos acertando.

(Olha aqui, alguém me passou, a bula do Papa Bento XIV: *De Servorum Dei Beatificatione Et Beatorum Canonizatione* – Da beatificação dos servos de Deus e da canonização dos beatos. É, perfeito, é essa mesmo.)

Aluno: Os estudos de milagres do Padre Oscar González-Quevedo foram justamente impugnar o racionalismo e o modernismo nos debates sobre os milagres. Ciência para ele é o que Aristóteles e São Tomás fizeram (...)

Olavo: Bem, já está melhorzinho. Eu estou falando que não li este livro, mas me lembro de coisas que o Padre Quevedo dizia em outras épocas – o Padre Quevedo mudou muito ao longo do tempo –, mas, sinceramente eu desprezo diálogo entre ciência e fé. Em princípio não quero saber disso, é vulgaridade, bobagem. Neste sentido, a ciência que está na Bíblia, a ciência da palavra de Deus, é infinitamente superior a qualquer ciência humana. Ela determina a possibilidade da ciência humana. Não são coisas comensuráveis, e digo isto não do ponto de vista da “fé” – a fé é outra coisa –, estou dizendo isto a partir da compreensão intelectual, analítica, clara do que é o conceito e exercício da ciência.

Um dos temas que falei, abordei aqui, que é a perda da hegemonia intelectual pelos pensadores cristãos, bem, eles perderam o bonde. Começaram a ficar inibidos perante a aparente ascensão da autoridade da ciência moderna e deixaram de perceber que tinham coisa muito melhor na mão. E isto, em parte, por ficarem presos aos esquemas escolásticos e aristotélicos, foi por isso mesmo. Havia milhões de possibilidades que não foram exploradas, que a escolástica jamais mexeu e que, sem entrar em contradição com ela, poderia levar aquilo infinitamente mais longe. Ao ler, por exemplo, o livro do André Marc, que é o *Psicologia Reflexiva*, ou Cornélio Fabro, vê-se até onde a escolástica poderia ter ido séculos atrás. Ou, para dar um exemplo, os escolásticos portugueses, foram de fato muito adiante, mas ninguém prestou atenção neles.

Em suma, acho que quem matou a charada foi o Papa Bento XIV: “nenhum fato pode ser rejeitado”. Agora, se alguém achar que o fato é esquisito, é em nome do quê? Qual é o critério de esquisitice? Então não há critério, simplesmente é esquisito, e quem diz isto ou não gosta daquele fato ou se assusta com ele. É uma coisa totalmente subjetiva, idiota, e de fundo puramente emocional – isto que é fé irracional. A religião Cristã se baseia em ciência – a mais perfeita que existe –, e se baseia na fé racional numa Pessoa que mostrou ser digna de toda a confiança do mundo, nós é que não somos dignos de confiança.

Espera, tem uma pergunta aqui, mas a pergunta sai do nada...

Aluno: (...) ... Então qual o motivo que um artista teria em ler filosofia?

Olavo: E eu lá sei? Diga-me por que você fez esta pergunta para eu poder entender o sentido dado a ela. Veio com reticências no começo, então, esta parte das reticências preencha para eu poder entender qual é o significado formal da pergunta, senão eu não entendo, está muito genérico. Pode ser até um assunto interessante.

Aluno: O senhor disse que passou por um período de incertezas e dúvidas, acho muito honesto de sua parte dizer isto. Também já passei por isto. Fiquei profundamente dividido há algum tempo. Tão mal, que tive que encontrar uma ordem interior a fim de sair daquele período nebuloso. Não digo que achei as respostas, mas eliminei vários caminhos ruins, ainda estou a caminhar, digamos.

Pergunto então: Qual o paralelo entre a vida psíquica saudável e a filosofia de vida de um indivíduo?

Olavo: No fim das contas as duas coisas são a mesma. Existem muitas pessoas que por terem sido privadas de experiências conflitivas e assustadoras, às vezes, levam uma boa parte de sua vida simplesmente seguindo as rotinas daquilo que se faz no seu meio. A muitas pessoas acontece isso, mas é pura coincidência. Agora, aqueles dentre nós que desde pequenos observamos perplexidades, terrores, tormentos, escândalos etc., somos impelidos pela própria natureza das coisas a buscar uma rearticulação num nível superior. E isto é precisamente o que nós chamamos de vida intelectual.

Agora, há pessoas que não compreendem o que seja vida intelectual. Conheço pessoas, por exemplo, que têm estudos universitários, até freqüentam algumas aulas, e entre elas dizem: “não quero ser um intelectual”. É impossível, pois já são, não são outra coisa. Na medida em que se lê alguma coisa, estuda-se, e busca-se criar idéias que de certo modo orientem a pessoa, isto já é atividade intelectual, não é outra coisa. Entretanto, quem quiser exercer isto sem compromisso, então, não é que seja um intelectual, mas é um pseudo-intelectual, e isto é muito grave. Para nós que estamos aqui neste curso, vivendo isto, uma filosofia de vida é uma necessidade absoluta, porque os parâmetros e critérios que recebemos da sociedade, da cultura, não estão nos orientando, ao contrário, são a base da nossa desorientação, devemos encontrar uma nova. Então, a conquista disto é também a conquista da saúde psíquica.

Mas notem bem que a saúde psíquica não é um valor absoluto. Há etapas de experiências doentias que podem ser boas intelectualmente. Então, sobretudo, se alguém for neurótico, não fique complexado por ser neurótico porque só vai ter duas neuroses ao invés de uma. Buscar a normalidade depende de qual é o modelo de normalidade que se está usando. Se cada um tomar a sua camada ou faixa social como amostra de normalidade, então só vai ter, para articular sua confusão interior, os recursos que este meio lhe dá – recursos que já se demonstraram insuficientes –, então precisa-se buscar um padrão de normalidade superior. [2:50]

Acho que ao longo da História houve muitos personagens que foram verdadeiros primores de normalidade, de equilíbrio, de centralidade. Santo Agostinho foi um deles. Um homem capaz de articular o conhecimento de toda a sua miséria interior com a busca dos objetivos mais altos. Isto aí é uma centralidade, é uma coisa saudável. Não digo que isso tenha que ser alcançado necessariamente por meio religioso, porque saúde é uma coisa, salvação da alma é outra. O sujeito pode ser muito saudável e ir para o inferno. Por exemplo, um sujeito que foi muito saudável, muito normal, muito articulado, mas que não tenho certeza de que esteja no Céu, é Goethe (Johann Wolfgang von Goethe). Ele era um primor de equilíbrio, um homem que pegou todos os seus demônios interiores, todas as suas forças e conseguiu rearticular de alguma maneira, indo para cima. Agora, não sei o quanto ele foi para cima – também não interessa discutir isto agora.

Aluno: Sua aula de hoje busca clarear a existência de uma ordem externa/interna cujo princípio seria o coração.

Olavo: Muito bem. Estes dois símbolos, coração e cabeça, significam o seguinte: Cabeça é o que se sabe; coração é o que se é. Por isso, de acordo com o simbolismo antigo, o verdadeiro órgão do conhecimento é o coração: aquilo que é sabido existencialmente – não é só aquilo que é pensado. Tem coisas que pensamos e depois esquecemos, não nos está integrado. Então você tem razão, o símbolo disto é o coração, a sabedoria verdadeira, que em parte, não é integrada no sujeito, este é que se integra nela, ou seja, ela vai mudá-la, elevá-la.

É aquele famoso soneto do Rilke (que já mencionei aqui), em que ele vai descrevendo a perfeição da estátua de Apólo. Treze linhas descritivas e a última diz: “Você tem que mudar de vida!” – ou seja, a contemplação da perfeição já tem pelo menos um apelo para que o indivíduo se levante. Mas se não há uma estátua de Apólo, [os versos] pode[m] ter um apelo. Mas o texto sacro já tem num verso o apelo. Ele já é a força transformante se se deixá-lo agir sem a pretensão de tê-lo compreendido.

E mesmo se a pessoa fica rezando sem entender, que maravilha rezar sem entender! Porque ela vai rezando e aquilo vai abrindo sua inteligência, gradativamente, sem que ela saiba. E, às vezes, acorda entendendo coisas que não entendia antes, teve uma revelação pessoal. Não sonhou, não viu nada, não ouviu ninguém falando, o Espírito Santo foi lá e agiu sobre a sua inteligência e fez entender um negócio que não entendia. Isso é muito melhor do que tentar entender direitinho as palavras da prece. As palavras em si são um mistério. Não trata-se de entender a prece, a prece que está entendendo a pessoa. A oração é que vai explicar o sujeito a si mesmo. Tem uma poesia do Charles Péguy em que ele fala da maravilha do menino que está rezando e adormece, já misturando as palavras do Pai Nosso, da Ave Maria e fazendo daquilo o samba do crioulo doido. E o que a criança está entendendo? Não está entendendo nada, mas sua prece está funcionando.

A realidade que Deus pôs dentro de nós, o universo onde vivemos, é todo compreensível. Ele está aí todo para nós compreendermos, porque ele está abaixo de nós. Nossa inteligência é suficiente para compreendê-lo. Somos capazes disso porque há uma inteligência maior que alimenta a nossa inteligência, que vem do infinito e abre possibilidades no finito. É a entropia negativa. Agora, querer entender desde lá de cima, não dá. Deus não está aí para ser compreendido, é Ele que nos compreende. É para nós recebermos o dom que Ele está nos dando. E depois de o recebermos, começamos a ter uma idéia do que é o amor divino. Então, não posso dizer que não entendemos nada. Entendeu, mas só na medida em que nos deixamos envolver naquilo e começamos a receber os benefícios. Se vem até para um patife como eu, por que não haveria de vir para vocês?

Aluno: Desculpa insistir nesta pergunta. Já formulei antes e você não a respondeu. Prefiro não especular o porquê, mas sim, insistir em formulá-la. Você, recentemente, tomou a tese da leitura ingênua da Bíblia. Tenho um pouco de dificuldade em apreender o significado dessa proposta. Por que não propor a mesma leitura ingênua dos Upanishads, do Bhagavat Gîta, do Corão, ou da biografia do (?) (...)

Olavo: Eu não vou explicar isso agora. Mas o decisivo não é religião. O decisivo é a presença efetiva de um ser real chamado Deus. Se Ele não está lá, não adianta.

Eu não acredito em religião comparada, porque não acredito que entre as perspectivas das várias doutrinas religiosas e dos vários simbolismos religiosos exista um ponto de vista científico superior que possa abarcar a todos. Portanto, depois de muito tentar neste caminho (eu mesmo fui estudioso de religião comparada durante muito tempo), cheguei à conclusão seguinte: só se pode entender uma religião a partir da outra. Fora disto, é puro diletantismo.

Nesta semana li um artigo do Humberto Eco (saiu no próprio Diário do Comércio) dizendo que crianças educadas no meio ateu não entendem nada da arte sacra, ou de muita coisa de civilizações anteriores. Diz que um menino viu o retrato da aparição de um anjo e perguntou: “o que o sujeito está conversando com este travesti?” – bem, são as categorias que ele tem. Tinha um homem e um anjo. O anjo não é uma mulher e também não é um homem, então só tem três categorias: homem, mulher ou travesti. Mas o artigo do Humberto Eco diz que devemos então nos abrir não somente a uma religião, mas a todas elas. E acontece o seguinte: as crianças privadas da tradição bíblica, não vão entender sequer os enredos possíveis de (...) **[queda da transmissão]**

Eu estava comentando o artigo do Humberto Eco que diz que as crianças educadas no ambiente ateu não têm a compreensão de uma infinidade de dados culturais e humanos dos séculos anteriores. A coisa é muito pior do que isto, porque elas não terão a compreensão nem mesmo das situações humanas descritas em toda a literatura ocidental. Se ela não tem o fundo bíblico, não entende Dostoiévski, Tolstói, Dante, Camões, não entende nada, zero. Isto significa que a adoção da cultura laica, da educação laica, é um esquecimento, um apagamento proposital de toda a herança cultural de milênios. É uma amnésia planejada. E é uma estupidificação planejada. Agora, podemos sair disso pelas religiões comparadas, como acredita o Humberto Eco? Não, porque religiões comparadas é uma disciplina acadêmica. Ninguém pode ser educado desde criança nas religiões comparadas, porque as religiões têm mandamentos práticos que são incompatíveis entre si. Ninguém pode praticá-las ao mesmo tempo, nem vivenciar [3:00] aquilo ao mesmo tempo. Então, deve-se ser formado dentro de uma religião e depois, a partir dela, compreendem-se as outras. Toma-se a própria religião como centro e as outras como periferia. É o único jeito que há de se chegar a compreender. Até chegar um dia que, de tanto estudar, entende-se que umas podem abarcar as outras e compreendê-las na sua totalidade. A recíproca não é verdadeira. Mas isto, só depois de trinta, quarenta anos de estudo.

Aluno: (...) Como não buscar explicação para essas contradições? Por exemplo, a leitura ingênua desses livros nos conduziria invariavelmente a uma perplexidade diante de suas múltiplas contradições (...)

Olavo: Certamente. Você não pode fazer esta leitura ingênua com os livros de dez, vinte traduções diferentes senão vai ficar numa confusão desgraçada. Então, como instrumento pedagógico para a formação da personalidade, as religiões comparadas não servem para nada. Religiões comparadas é uma atividade acadêmica a ser desempenhada por pessoas que já têm uma formação pessoal e já têm o universo do imaginário estruturado.

Aluno: (...) Como não buscar a explicação para essas contradições numa simbólica de tipo guenoniano? Entendi a partir de uma obra recente, que você concorda que o Guénon e o Schuon tenham provado que todas as tradições autênticas estejam calcadas numa metafísica transcendente comum. Como conciliar isso com a sua recomendação da leitura ingênua? Por que não recomendar para os alunos os estudos da metafísica transcendente, visto que a incompreensão oriunda das aparentes contradições dos símbolos das diferentes religiões é a causa mesma do relativismo religioso e suas terríveis contradições conseqüentes para a nossa civilização?

Olavo: Em primeiro lugar, a incompreensão dos símbolos religiosos não apareceu com a comparação de várias religiões. A religião comparada só entrou na esfera popular a partir dos anos 50 do século XX – quando começou o negócio de Nova Era, todo mundo começou a ler *I-Ching* etc. Isto é muito recente. A incompreensão dos símbolos religiosos já vinham, na mais branda das hipóteses, desde um século antes.

Em segundo lugar, uma metafísica comum de fato existe entre todas as tradições religiosas. Isso está mais que provado e eu acho que Guénon e Schuon já provaram isso. Só que metafísica é uma descrição da estrutura da realidade. Isso não tem nada a ver com religião. Metafísica é apenas isto, descrição da estrutura da realidade, o que quer dizer que todas as religiões estão concordes que vivem no mesmo mundo. Neste ponto não há discordância. Mas elas não existem apenas para dar uma descrição da estrutura da realidade, elas prometem algo mais. E é no realizar este algo mais que elas vão divergir. Este algo mais é que é precisamente decisivo. Então, se você tentar formar o seu imaginário lendo ao mesmo tempo os *Upanishads*, *Puranas*, *Gîta*, *Corão* etc, vai fazer uma confusão dos diabos.

Não existe um ponto de vista superior ao conjunto das religiões que possa abarcar todas elas, então, religião comparada é um estudo de fragmentos, ela nunca vai poder criar uma superestrutura capaz de abranger todas as religiões. O Guénon e o Schuon fazem isso, mas somente no que diz respeito à doutrina metafísica, ou seja, ao que há de comum entre todas as religiões. É uma espécie de 'mínimo múltiplo comum', o que significa reduzir as religiões aos seus fundamentos metafísicos e dizer que estes, de fato, são iguais em todas elas. Mas esta mesma metafísica comum encontra-se fora das religiões. Encontra-se em Aristóteles, em Platão, [até] em filósofos como Al-Farabi (que foi condenado pelos teólogos das outras religiões). Isto não é propriamente religião mas apenas uma doutrina metafísica. É uma ciência, se quiser. Então, neste ponto, estão todos de acordo. Porém, o universo simbólico pessoal só se pode adquirir através de uma religião que é a sua. Aquela dentro da qual você está, que formou a nossa civilização, no nosso caso, o judaísmo/cristianismo. E, para entender algo do Islam ou do hinduísmo, somente através desta ou jamais vai-se entender, como o Sr. Humberto Eco jamais entendeu. Ele acredita ingenuamente que tem um ponto de vista transcendente, mas não tem.

Ademais, vamos articular esta pergunta com esta outra enviada:

Aluno: Na aula passada o senhor falou da necessidade de captar primeiramente a forma do conjunto e a força simbólica dos textos. Gostaria que o senhor comentasse, a partir da sua afirmação, as observações de Bento XVI sobre Hugo de São Vítor :

“Para interpretar as escrituras, Hugo de São Vítor propõe a tradicional articulação patrício-medieval, ou seja, em primeiro lugar, o sentido histórico literal, depois o alegórico e o anagórico, e por fim o moral. Trata-se de quatro dimensões do sentido das Escrituras, que também hoje se redescobrem”.

Pelo qual se vê no texto e na narração oferecida, esconde-se uma indicação mais profunda: o fio da fé que nos conduz para o alto e nos guia nesta Terra ensinando-nos a viver.” (...)

Olavo: Os quatro níveis de compreensão do texto, advogados aqui por Hugo de São Vítor, que por sua vez tirou de Dante, ou melhor, que estão explicadas de maneira ainda mais clara em Dante, se baseiam exatamente nesta mesma leitura ingênua que estou dizendo. É a isto que Bento XVI se refere como o fio da fé. É ler aquilo com fé, ou seja, aceitar que aquilo é a Palavra de Deus, que é um fato, e aceitar que não o compreende. Se não se fizer isso, não se lê o texto. Ler a Bíblia é fazer isto. Agora, sem a leitura não há interpretação. Se for feito isto, trabalha-se numa interpretação posterior a partir deste material, e não do texto em si. Primeiro deve-se vivenciar o texto como presença da Palavra de Deus, senão não se tem nada. Por isso estou falando: interpreta-se sim, mas somente no fim. No começo há de se ler assim, senão, simplesmente, não haverá o que interpretar. Não sei se isto ficou claro.

Aluno: (...) Daí prossegue Bento XVI:

“Contudo, mesmo respeitando as quatro dimensões do sentido das Escrituras, de modo original em relação aos seus contemporâneos, ele insiste – e este é um aspecto novo – sobre a importância do sentido histórico literal.”

Olavo: É o que eu estou falando: é um fato. Se não se aceitar isto como fato, então muito menos aquilo poderá exercer um influxo transformador sobre a pessoa. Porque o que vai exercer isto não é o texto em si, é o fato a que ele se refere. Não é um poder miraculoso no texto, mas nos fatos narrados, os quais continuam a se suceder ainda hoje. Depois que houve a experiência do poder miraculoso destas palavras, aí sabe-se com o que se está lidando – é somente aí.

E religião comparada é muito tempo depois disso. Não dá para trocar. Refiro-me não propriamente à fé ingênua, mas à experiência real da leitura. Um texto sacro é lido como tal. Se ele não exercer esse poder eu dou um doce – ele vai fazer isso. Sempre faz. Lendo assim vai funcionar. Deixe que ele haja e veja o que acontece. E não há como fazer isso com outros textos sacros, porque eles não foram escritos para isto. [3:10] É outra coisa completamente diferente. Se há algo que aprendi em religiões comparadas é que elas não são comparáveis – não são espécies do mesmo gênero, são fenômenos absolutamente heterogêneos. E é por isso mesmo que sem se basear numa, não se entende a outra. Então a religião comparada não é jamais o substitutivo do ensino religioso. Eu acho que isso aí o Humberto Eco jamais compreenderá. Ele é um dos mais elegantes escritores de besteira do século XX. Eu li os livros dele sobre fascismo: ele viveu lá dentro, assistiu ao negócio, leu um monte de livros e não entendeu nada, nada, nada do que é fascismo, é só um monte de estereótipos cheios de citações ao seu redor e assim por diante. Eu não levo o Humberto Eco a sério de jeito nenhum.

Aluno: Sobre o resgate da alta cultura no Brasil, eu pensava nesta semana sobre o abandono e a falta de pessoas capacitadas para entender a obra de Mário Ferreira dos Santos, como você já citou inúmeras vezes. Seria possível você fazer uma exposição da obra do Mário para nos dar uma idéia do conjunto?

Olavo: Nós vamos fazer isso, necessariamente na segunda etapa. Espero ler com vocês alguns textos do Mário que terei de articular para isso, porque os livros dele estão muito confusos editorialmente. Terei de articular alguns textos, juntar um pedaço com outro, compor uma súmula do Mário Ferreira. Acho que isto é possível e nós vamos fazer.

Aluno: O senhor chegou a ver o filme O Homem de Alcatraz de John Frankenheimer? É a história real de Robert Stroud, interpretado por Burt Lancaster, que foi preso por ser suspeito de matar um homem. Na cadeia, rebelde, metido a justiceiro, acabada matando um guarda e, por isso, a pena é aumentada chegando a ser transferido para Alcatraz. Mas, na cadeia mesmo, ele se torna mais humilde, um dos maiores especialistas em pássaros, sendo o maior da sua época. Chegou a ser reconhecida mundialmente sua especialidade, superando algumas circunstâncias.

Olavo: Isso é um exemplo. Ele está na cadeia, na pior situação possível, e chegou uma hora em que decidiu tomar vergonha na cara: “Chega deste negócio de ficar batendo nas pessoas, matando gente. Vou fazer uma coisa que preste.” Começou a estudar um passarinho e outro, e cada vez mais.

Um outro exemplo que dou para vocês, é a de um historiador italiano Cesare Cantù que escreveu uma *História Universal* inteira na cadeia sem ter um livro para consultar – ele foi puxando pela memória. Claro que [a obra] tem erros, é evidente. Em 30 volumes, como é que todo de memória não teria erro? Mas é um prodígio.

Às vezes, as situações mais opressivas fazem surgir na pessoa uma grande força criativa que a sobrepõe ao meio, ao ponto de o que quer que as outras pessoas digam a ela, não é mais importante. Tem importância no sentido político social, mas afetivamente não. Eu, emocionalmente, já não vou mexer com vocês. O ideal para a pessoa de estudo, dedicada a uma obra que é boa para as pessoas, para a humanidade, que está tentando fazer o bem, é se esforçar para ter o que se chama ânimo igual, ou seja, não ficar nem muito deprimido, nem muito entusiasmado, mas tranqüilo.

No Brasil há uma espécie de culto das emoções – todo mundo tem que viver com as emoções à flor da pele para ser considerado humano. Mas um assassino, um estropador, ataca com as emoções à flor da pele. O sujeito, ávido de dinheiro, que está lá planejando o Mensalão está babando de

emoção. Quando é que vão entender que o amor não é emoção, mas o amor é um sentimento, é uma coisa que se faz? O amor é uma ação que dá vida e dá força ao seu semelhante. É isso que o amor faz. Quando Jesus Cristo curava o cego paralítico, Ele não chorava de emoção! Então vocês também façam o bem com simplicidade e com ânimo igual. É claro que nem todos nós vamos permanecer no ânimo igual o tempo todo. Também vamos ter nossas recaídas, nossas depressões e nossos entusiasmos imbecis, todos temos. Mas não vamos idealizá-los e achar que eles são divinos e maravilhosos. Nunca seremos julgados por nossas emoções, mas por aquilo que realmente fizemos na vida, interiormente e exteriormente.

Acho que por hoje é só. Prosseguiremos no [próximo] dia 2. Muito obrigado. **[Fim da transmissão]**

Transcrição realizada por: Jaqueline Mendes, Renato Gonçalves Borges, Leonardo Brayner, Klauss P. Tofanetto, Michelle Zizza Caloni, Flávio Montenegro.

Revisão realizada por: Klauss P. Tofanetto, 13/07/2011 [klausstofanetto@gmail.com]